

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA - UNIALFA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃOOPPGADM - UNIALFA

SIRLEI DOS REIS RODRIGUES SEGATTI

DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO FEMININO: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O PROGRAMA JUNTAS

Goiânia - GO

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA - UNIALFA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO OPPGADM - UNIALFA

SIRLEI DOS REIS RODRIGUES SEGATTI

DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO FEMININO: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O PROGRAMA JUNTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro Universitário Alves Faria, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Bontempo.

Goiânia - GO

2021

Folha de aprovação *(Obrigatória – Informações do Aluno)*

(Elaborada pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da UNIALFA)

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA - UNIALFA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PPGADM - UNIALFA

SIRLEI DOS REIS RODRIGUES SEGATTI

DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO FEMININO: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O PROGRAMA JUNTAS

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. Paulo César Bontempo-UNIALFA (Orientador)

.....
Prof. Dr. Wilson de Jesus Beserra de Almeida - UNIALFA (Membro Interno)

.....
Prof. Dr. Bento Alves da Costa Filho - (Membro externo)

Goiânia –GO
PPGADM-UNIALFA
2021

Ao

Meu pai, José dos Reis Leite (in memória), que sempre lutou para que eu estudasse. Tenho certeza que está vibrando muito com a minha conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o grande criador e a Nossa Senhora por interceder sempre.

A minha família, por compreender e apoiar o meu propósito. De forma especial, a minha filha Júlia Rodrigues Segatti, que suportou e entendeu a minha ausência por diversas vezes durante o Mestrado.

Ao Sicredi Cerrado por viabilizar a realização desta pesquisa, em especial a Gerente de Comunicação, Daniela de Oliveira, que não mediu esforços para que eu tivesse acesso as informações necessárias para este trabalho.

Ao Sebrae Goiás na pessoa da Vera Lúcia Elias, mentora do Programa Juntas, por disponibilizar o seu tempo trazendo contribuições significativas sobre o Empreendedorismo Feminino.

A todos os professores deste programa por me proporcionarem a oportunidade de ser uma pessoa melhor, através da aquisição de conhecimento.

Ao Dr. Paulo César Bontempo, por aceitar ser o meu orientador e fazer isso com tanta paciência e sabedoria.

Aos meus colegas do mestrado pelo compartilhamento de experiências vividas.

Ao Aldemy, por oferecer não apenas apoio técnico, mas também a sua grande amizade.

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as barreiras ao empreendedorismo feminino no Brasil e os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas. Em se tratando do eixo teórico, foram abordados temas relacionados à desigualdade de gênero, motivadores para o empreendedorismo, e as principais barreiras ao empreendedorismo feminino. Com a finalidade de responder à pergunta problema e atingir o objetivo geral, foi realizada pesquisa aplicada, descritiva, de natureza qualitativa, utilizando-se de um estudo de caso, através da técnica de análise de conteúdo, por meio do qual foram entrevistadas 11 integrantes do programa, com a finalidade de obter um panorama de suas realidades. Foi possível evidenciar que embora as empreendedoras tenham conquistado espaço no mercado de trabalho, ainda existem resquícios deixados pelo poder patriarcal que limitam o empreendedorismo feminino. Além disso, elas sofrem impactos, no que tange à renda, à busca por oportunidades e ao próprio desenvolvimento. Outro desafio claramente percebido trata-se dos filhos que enquanto crianças demandam cuidados maternos, o que na maioria das vezes faz com que as mães adiem os planos profissionais. O fato de ter sido utilizada a metodologia do estudo de caso, tornou-se um limitador no sentido de não possibilitar a generalização das conclusões. Porém sugere-se que se realize futuramente uma pesquisa quantitativa para se evidenciar estatisticamente os principais desafios enfrentados por mulheres empreendedoras, seguido de uma pesquisa qualitativa evidenciando ações desenvolvidas por elas para lidar com tais conflitos.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino. Desigualdades de Gênero. Barreiras e desafios ao empreendedorismo feminino.

ABSTRACT

This paper aims to identify and analyze the barriers of female entrepreneurship in Brazil and the main challenges faced by female entrepreneurs who are part of the Juntas program. Regarding the theoretical axis, themes related to gender inequality, motivational factors for entrepreneurship, and the main barriers of female entrepreneurship were addressed. In order to answer the problem question and achieve the general objective, an applied, descriptive, qualitative research was carried out, using a case study, through the technique of content analysis, in which 11 members of the program were interviewed, aiming to obtain an overview of their realities. It was possible to show that although female entrepreneurs have conquered space in the labor market, there are still remnants left by patriarchal power that limit female entrepreneurship. In addition, they are impacted, in terms of income, in the search for opportunities and their own development. Another challenge clearly perceived are children who, at a young age, demand maternal care, which in most cases causes mothers to postpone professional plans. The fact that the case study methodology was used became a limitation in the sense of not allowing the generalization of the conclusions. However, it is suggested that in the future a quantitative research be carried out to statistically highlight the main challenges faced by female entrepreneurs, followed by a qualitative research showing actions taken by them to deal with such conflicts.

Keywords:Female entrepreneurship. Gender Inequalities.Barriers and challenges to female entrepreneurship.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Características dos empreendedores de sucesso	20
Quadro 2 - Principais barreiras ao Empreendedorismo feminino	31
Quadro 3 - Perfil das entrevistadas	35
Quadro 4 - A história mostra que o nosso passado foi marcado pela presença forte do patriarcado, evidenciando claramente a desigualdade de gênero. Você acredita que com o passar dos anos essa realidade mudou? Por quê?	36
Quadro 5 - Tempo de atuação no negócio	37
Quadro 6 - Qual o principal fator motivador para que você abrisse um negócio próprio?	38
Quadro 7 - Você tinha outra profissão antes de montar o negócio?	39
Quadro 8 - Como você identificou esta oportunidade de negócio?	40
Quadro 9 - Você considera o apoio da família importante para a mulher que está abrindo um negócio próprio? Por quê?	41
Quadro 10 - O cônjuge é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	42
Quadro 11 - Filho é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	43
Quadro 12 - O preconceito é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	44
Quadro 13 - O medo do fracasso é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	45
Quadro 14 - Depois de abrir o negócio, quais as principais barreiras que você continua enfrentando como empreendedora?	46
Quadro 15 - Você acredita que apesar dos desafios, o empreendedorismo feminino no Brasil tem avançado? Por quê?	47
Quadro 16 - Participantes do programa Juntas	60

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Taxas (em %) de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento	22
Gráfico 2 - Taxas em (%) de empreendedorismo segundo o estágio e potenciais empreendedores.....	23
Gráfico 3 - Para continuar uma tradição familiar	24
Gráfico 4 - Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	25
Gráfico 5 - Para fazer a diferença no mundo.....	26
Gráfico 6 - Para ganhar a vida porque os empregos são escassos	26
Gráfico 7 - Taxas específicas de empreendedorismo (em %) de acordo com o sexo	29

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Percentual dos empreendedores iniciais segundo as motivações para começar um novo negócio - Brasil – 2019.....	24
--	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

GEM- Global Entrepreneurship Monitor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de Pesquisa.....	13
1.2 Objetivos do Estudo	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos.....	14
1.3 Relevância e Motivação para o Estudo.....	14
1.4 Estrutura e Organização do Texto.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Desigualdade de Gênero e seus Impactos na Vida das Mulheres empreendedoras ...	16
2.2 Empreendedorismo: História e Evolução.....	18
2.3 Empreendedorismo no Brasil.....	20
2.4 Motivadores do Empreendedorismo no Brasil	23
2.5 O Avanço do Empreendedorismo Feminino no Brasil	27
2.6 As Principais Barreiras ao Empreendedorismo Feminino	30
4 ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1 Contexto da desigualdade de gênero.....	36
4.2 Contexto dos motivadores do empreendedorismo no Brasil	37
4.3 Contexto das principais barreiras ao empreendedorismo feminino no Brasil	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICES	59
APÊNDICE 1	59
APÊNDICE 2	62

1 INTRODUÇÃO

O cenário mostra que as mulheres têm se desenvolvido a cada dia e apoderado de espaços no setor empresarial, tanto como funcionárias quanto como proprietárias de negócios. Funções que antes eram ocupadas apenas pelo sexo masculino, hoje são desenvolvidas por elas, que inclusive muitas vezes estão em níveis superiores na hierarquia da empresa e realizam atividades com muita eficiência e eficácia. O que tem trazido contribuições importantes para o crescimento social e econômico no mundo, que depende significativamente da ação empreendedora (BRUSH; GREENE, 2015; RADOVIĆ-MARKOVIĆ, 2017).

Um marco expressivo na vida dessas mulheres foi a Constituição de 1988, que apoiada numa cultura inovadora estabeleceu entre os principais objetivos da República Federativa do Brasil a eliminação de qualquer tipo de discriminação, seja por gênero, raça, idade, além da igualdade entre homens e mulheres quanto aos direitos e obrigações. Esses avanços significaram muito, pois a maioria dos direitos das mulheres não eram assegurados até então, tornando-as vítimas de uma situação de segregação social e ocupacional.

Porém, Bortolin (2010) afirma que apesar de todo o avanço, as garantias constitucionais e legais de igualdade de gênero ainda não acontecem de maneira eficaz, pois embora haja um grande esforço formal nesse sentido, as mulheres continuam se ocupando do papel de coadjuvante e encontrando dificuldades para desenvolver ações para além do contexto familiar, que por meio de uma cultura conservadora continua as rotulando como as responsáveis por cuidar da casa e dos filhos.

A sociedade brasileira traz desde a sua formação indícios dessa desigualdade. Foram mais de 300 anos de escravidão, na qual a elite agrária, grande detentora do poder naquela época, causou impactos irreparáveis na vida das mulheres por meio das profundas ações de violência, sobretudo as mulheres negras e indígenas (PETRONE, 2019).

Nas últimas décadas, pode-se observar uma evolução política e social na luta pela igualdade entre homens e mulheres. Porém, apesar de todo o esforço despendido por elas para a equiparação de gênero, as intervenções ainda não se dão por completas. Evidências de comportamentos preconceituosos são identificados diariamente nos diversos âmbitos da sociedade, levando a um entendimento de que as ações em prol da igualdade se concentram apenas no contexto da competitividade econômica e não na sociedade como um todo (CASACA, 2014).

A ascensão das mulheres nesse sentido é notória, e são diversos os fatores que contribuem para que isso aconteça. Para Carvalho e Almeida (2003), a partir de 1990 o poder patriarcal que por longos anos causou impactos negativos em suas vidas foi perdendo força, juntamente com alguns princípios e controles religiosos e comunitários clássicos, refletindo em mudança no que se refere ao gênero e a autonomia.

Carrijo e Ferreira (2017) afirmam que no Brasil, embora as mulheres empreendedoras tenham conquistado desenvolvimento, continuam enfrentando desafios, como a dificuldade de consolidar os direitos adquiridos e harmonizar as exigências domésticas e profissionais. A partir desse pressuposto, compreende-se que elas têm evoluído diariamente e administrado as diversas atribuições que lhes cabem, através da capacidade de enxergar o todo, ainda que ajam de forma fragmentada, buscando o equilíbrio entre muitas tarefas que realizam rotineiramente.

Ainda que sejam motivadas por uma grande capacidade de perceber tanto oportunidade quanto necessidade, as mulheres têm sido fundamentais para o empreendedorismo. Porém diante do cenário atual que é muito instável, elas enfrentam diversas situações estressantes que afetam a vida profissional e pessoal (NAMBISAN; BARON, 2019; TEOH; CHONG; CHONG; ISMAIL, 2016).

No sentido de contribuir para o desenvolvimento dessas mulheres e prepará-las para as incertezas do mercado, em 2020 o Sicredi Cerrado-Cooperativa de Crédito em Goiás, ao perceber os impactos da Pandemia da Covid 19 na vida de muitos empreendedores no mundo todo, criou o programa Juntas, composto por 15 mulheres associadas da Cooperativa e empreendedoras, residentes e atuantes em Goiânia e no Interior. O objetivo do programa Juntas é potencializar o espírito empreendedor através da inserção digital dessas mulheres, utilizando metodologias como webinar e mentorias realizadas pelo próprio Sicredi Cerrado em parceria com o Sebrae Goiás. O projeto visa a criação ou manutenção da vantagem competitiva das participantes no mercado.

O uso das redes digitais pelos empreendedores faz toda a diferença, tendo se tornado indispensável sobretudo em tempos de pandemia e após ela, no cenário do novo normal. As redes digitais tornam-se ferramentas importantes tanto para a captação de clientes quanto para a comercialização dos produtos ou serviços através da efetiva interação entre quem vende e quem compra dentro do contexto digital (SANTOS et al., 2019).

1.1 Problema de Pesquisa

O crescimento do empreendedorismo feminino resultou no aumento da sensação de equidade entre os gêneros, embora ainda existam resquícios da herança histórica do sistema patriarcal. Porém, Mizrahi (2004) faz uma análise sobre as exigências de produção e falta de questionamentos acerca da forma como o trabalho é organizado, afirmando que sua atual estrutura traz reflexos negativos para a vida familiar como um todo.

Enquanto isso, Barnett (2004) alega que a discussão em torno da organização do trabalho, bem como da família, se sustenta por mitos que ainda hoje estão arraigados no que tange à diferença de gêneros. O discurso de que as mulheres são incumbidas apenas das atividades domésticas enquanto os homens possuem maior habilidade para atividades fora do lar e para o provimento da família faz com que ambos fiquem presos às expectativas impostas por esse paradigma comportamental que traz a ideia de quem trabalha fora e quem cuida da casa. Portanto, é fundamental identificar os principais fatores que levam as mulheres a iniciar uma atividade empreendedora. Suas motivações e níveis de desempenho (RAMOS et al., 2014).

Estudos apontam que ao iniciar um empreendimento, as mulheres estão em busca de realizações, como independência financeira, autonomia e autorrealização (GUPTA; MIRCHANDANI, 2018; KIRKWOOD, 2009). Por sua vez, Solesvik, Iakovleva e Trifilova (2019) afirmam que as mulheres empreendedoras dos países desenvolvidos iniciam seus próprios negócios amparadas por necessidades sociais não satisfeitas. Sendo assim, o foco não está direcionado para resultados comerciais, crescimento ou lucro. Prashar, Vijay e Parsad (2018) e Ferreira, Bastos e Angelo (2018) apresentam a ideia de que as mulheres desenvolvem uma visão voltada para o empreendedorismo, buscando resolver os dilemas enfrentados em trabalhos anteriores, ou mesmo para alcançar o equilíbrio trabalho-vida.

Ainda existem as motivações por necessidade, que podem abranger questões relacionadas à renda familiar, dificuldade para encontrar um trabalho formal ou, mesmo que o tenha, a intolerância em relação à flexibilização de horários, uma vez que possuem ocupações familiares (ORHAN; SCOTT, 2001).

Compreende-se, assim, que as mulheres contemporâneas tem se envolvido em diversas atividades produtivas em ambientes que extrapolam as fronteiras do lar, sem deixar de lado os cuidados com a família.

A partir dessa contextualização, surge a seguinte pergunta que norteará o presente trabalho: **Quais os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas?**

1.2 Objetivos do Estudo

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Discutir a desigualdade de gênero e seus impactos na vida das mulheres empreendedoras do programa Juntas;
- Identificar os motivadores do empreendedorismo feminino no caso do programa Juntas;
- Identificar as principais barreiras ao empreendedorismo feminino no caso do programa Juntas.

1.3 Relevância e Motivação para o Estudo

Diversas pesquisas apontam para o vertiginoso crescimento do empreendedorismo feminino. Porém, estudos demonstram que as histórias sobre a realidade de uma lida diária para administrar as demandas familiares e profissionais nunca se dão por saturadas. Inclusive, devido às incertezas do cenário atual, torna-se necessária a atualização contínua de informações sobre esse assunto.

Franco (2014) atesta que embora seja um assunto pertinente para os estudos acadêmicos, a adoção desse tema como objeto de pesquisa ainda é discreta. Isso comprova a necessidade de mais investimentos em discussões a esse respeito, compreendendo que é um tema relevante e atual, além do que o fato de não ser estudado com mais frequência pode ser visto como frieza no tratamento do assunto.

Este trabalho se justifica por apresentar um panorama da realidade das mulheres empreendedoras por meio de histórias contadas pelas integrantes do programa Juntas. Além disso, a análise da fundamentação teórica apresentada pelos autores citados neste trabalho

embasaráa temática, não só contribuindo para estudos futuros, mas promovendo o conhecimento teórico que quando aplicado, contribuirá também para a solução do problema apresentado.

1.4 Estrutura e Organização do Texto

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma. Além desta Introdução, o capítulo 2 apresenta a fundamentação teórica sobre os temas relacionados ao empreendedorismo feminino; o capítulo 3 traz os métodos de pesquisa qualitativa; o capítulo 4 apresenta as análises dos dados obtidos com a entrevista e os respectivos resultados dos estudos empíricos; o capítulo 5 expõe as considerações finais da pesquisa bem como as limitações do trabalho e proposições para estudos futuros e o capítulo 6 apresenta a bibliografia adotada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão revisados artigos de diversos autores sobre a desigualdade de gênero e seus impactos na vida das mulheres empreendedoras, o processo evolutivo do empreendedorismo no Brasil, motivadores do empreendedorismo no Brasil e as principais barreiras ao empreendedorismo feminino, com a finalidade de agregar valor ao referido trabalho e dar embasamento científico à pesquisa.

2.1 Desigualdade de Gênero e seus Impactos na Vida das Mulheres empreendedoras

A história mostra que durante muito tempo os valores morais e sociais foram definidos pelo patriarcado, rigorosamente obedecido na época, inclusive deixando sob pena de punição aquele que o desrespeitasse. Tal poder controlava e limitava principalmente a atividade feminina, utilizando de seu prestígio e poder, por meio de discursos preconceituosos que segregavam e manipulavam as mulheres nas diversas instâncias sociais (DANDOLINI, 2018).

Para compreender o empreendedorismo feminino, é importante que se inicie com uma reflexão sobre o termo gênero, que surgiu como fator determinante das diferenças entre homens e mulheres, tendo sido introduzido na segunda metade do século XX em pesquisas de diversas áreas, coincidindo com o despontar dos movimentos feministas. Para Varikas (1989), a utilização do termo gênero aconteceu inicialmente quando as feministas perceberam a necessidade de sobrelevar o sexo biológico em relação ao sexo social, fruto de uma construção social que definia as relações entre homens e mulheres.

A partir de uma perspectiva conservadora, entende-se que o termo gênero expressa sexo e está diretamente relacionado ao gênero binário, por meio do qual o sistema é composto por dois sexos, feminino e masculino, determinantes dos papéis desempenhados por cada um deles na sociedade. Já na perspectiva crítica, o termo gênero apresenta componentes que o descrevem de maneira mais ampla, deixando claro que a abordagem anterior é incompleta,

uma vez que não pode limitar o termo a uma única interpretação, isto é, masculino e feminino (FARIA, 2017).

Para Scott (1995), o termo gênero retrata um composto de relações de poder a partir de diversos atributos ligados a qualidade, papel, identidade e comportamento existentes entre homens e mulheres. Nesse contexto, entende-se que a palavra sexo aborda questões relacionadas as diferenças genéticas surgidas entre ambos, apresentando as características próprias e que não são passíveis de alteração (THOMÉ, 2012).

As discussões em torno da desigualdade de gênero são antigas. No período que antecede a constituição de 1988, as mulheres eram discriminadas pelo próprio direito brasileiro. Os homens eram os chefes de família e segundo o Código Civil de 1916, apenas eles detinham o poder sobre os filhos. Era o chamado “pátrio poder”. De acordo com o artigo 380 do Código Civil daquela época, as mulheres somente assumiriam poder sobre os filhos diante da ausência do marido. Percebia-se, no entanto, uma presença forte do poder patriarcal.

O patriarcado é um fato alicerçado na sociedade que atinge as mulheres tanto na vida pessoal quanto na vida profissional, obrigando-as a se comportarem de acordo com os padrões impostos pelos princípios daquela conjuntura, em relação a forma de socialização, experiência de trabalho e uma série de outros fatores impregnados nesse contexto dificultando a convivência pacífica de uma comunidade composta por indivíduos iguais (ADISA et al., 2019)

O Código Civil de 1916 estabelecia também a possibilidade de anulação do casamento por “defloramento da mulher”, caso o marido hipoteticamente entendesse que a esposa havia perdido a virgindade antes do matrimônio. Essa situação era considerada um desrespeito com o cônjuge, permitindo a anulação do casamento.

Essas questões citadas acima, no entanto, são apenas alguns dos muitos exemplos que retratam a desigualdade de gênero existente naquela época. Além deles, destaca-se também a absolvição do marido caso matasse a esposa em legítima defesa de honra”.

Aos poucos, os avanços a favor das mulheres foram acontecendo. Em 1962, foi criada a Lei nº 4.121 estabelecendo que o “pátrio poder” continuaria sendo exercido pelo pai, porém com a contribuição da mãe.

A história conta que enquanto os homens criaram apego pelas questões voltadas para política, guerra e gestão do Estado, as mulheres criaram laços fortes com a gestão de bens e serviços relacionados à família, assumindo essa responsabilidade como se fosse apenas delas. Barnett (2004) diz que o entendimento de que as mulheres são preparadas para cuidar da casa e da família enquanto os homens ocupam papéis de provedores do lar faz com que ambos

sejam reféns de comportamentos e expectativas próprios desses padrões que estabelecem quem é o “trabalhador ideal” e quem é a “dona de casa”. Isso impede significativamente o progresso das mulheres que vivem em constantes conflitos para conciliar a vida pessoal e a profissional.

O que se vê na atualidade é uma grande disputa no mercado de trabalho entre homens e mulheres. Apesar de todos os entraves existentes na busca pelo próprio crescimento, elas continuam lutando pela igualdade de oportunidade por cargo e hierarquia, para que possam se destacar e obter reconhecimento na profissão. A finalidade dessa disputa é quebrar os paradigmas culturais construídos ao longo dos anos e que ainda estão arraigados na sociedade (CRAMER et al., 2012; SALVAGNI; CANABARRO, 2015).

Brandão, et al., (2019), afirmam que de fato as mulheres ainda enfrentam problemas no que tange a oportunidade de mercado e que isso é resquício da cultura patriarcal, que inclusive apresenta diversos aspectos distintos que as desfavorecem. A partir da análise de algumas escolhas feitas por mulheres e homens formados no ensino superior pode-se perceber que em relação a projetos autônomos tradicionais e inovadores, as mulheres se destacaram por apresentar o perfil de empreendedor tradicional que envolve serviços de proximidade e de cuidados, enquanto os homens estão mais voltados para setores que envolvem inovações e uso intensivo de conhecimento. O autor segue dizendo que esses resultados, porém, levantam a necessidade de discussões que estimulem autonomização das mulheres.

De acordo com Hemmalini (2020), ter trabalho favorece o bem estar e a saúde das mulheres, uma vez que os seus desejos vão além dos ganhos financeiros. Elas também sonham com a autorrealização, bem como, percebem a importância de se sentirem úteis diante do contexto social. Porém, o cenário contemporâneo e as diversas mudanças econômicas e culturais resultantes da globalização tem transformado a vida das mulheres em seus diversos aspectos familiares e profissionais (BabinDhas&Vetrivel, 2020), originando ou potencializando os conflitos existentes entre os dois contextos.

2.2 Empreendedorismo: História e Evolução

O termo empreendedorismo é derivado da palavra “entrepreneurship” de origem francesa relacionada a atividade voltada para a gestão, coordenação ou liderança de operações militares no século XVI (CRUZ, 2005). Muito tempo depois, os teóricos ingleses Adam Smith e Alfred Marshall encontraram a partir de inúmeras discussões sobre o assunto, uma definição que o contemplasse melhor. Estabeleceu a partir daí que o empreendedorismo seria

compreendido como a atividade desenvolvida pelo proprietário dos meios de produção ou um administrador presente na relação consumidor/trabalhador. Para Marshall o empreendedor é a pessoa dotada de espírito aventureiro que desenvolve a atividade de empreendedorismo, assumindo riscos e utilizando de muita criatividade e liderança (CRUZ, 2005).

Lopes e Lima (2019) afirmam que existem diversas interpretações para o termo empreendedorismo. Porém, confirmam que sua origem surgiu do francês “entre” e “prende” que significa “estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor”.

Para Julien, Marchesnay e Machado (2010), a teoria sobre empreendedorismo ultrapassa os 30 anos e suas origens são americanas, adotando uma abordagem construída a partir da teoria econômica clássica, que considera os empreendedores como pessoas meramente racionais que focam exclusivamente o lucro e buscam evoluir sobre mercados de concorrência perfeita.

Pioneiros no segmento do empreendedorismo, os economistas Cantillon e Say realizaram pesquisas no ano de 1800 com a finalidade de compreender aspectos que iam além da economia, abordando também fatores gerenciais no desenvolvimento da gestão de negócios. Nesse período, considerava-se empreendedor a pessoa que aproveitava oportunidades com o objetivo de obter lucro, assumindo riscos inerentes (CANTILLON apud FILION, 1999).

Schumpeter (1982) afirma que o empreendedor é o indivíduo que promove a “destruição criativa”, através da qual a ordem econômica é alterada por meio da inserção de novos produtos ou serviços, bem como de novos métodos e recursos. Para isso, é necessário que aconteça a quebra de antigos paradigmas e adequação a novos.

Segundo Baggio e Baggio (2014), empreendedorismo pode ser compreendido como o ato de utilizar a criatividade para construir algo. Seria colocar uma ideia em prática com entusiasmo, inovação, criatividade e motivação, assumindo os desafios e riscos encontrados no caminho. Também acrescentam que tudo inicia com a percepção de uma oportunidade de maneira racional e com a utilização dos suportes necessários.

Para Chiavenato (2012), o papel do empreendedor não se limita apenas a gerir a empresa por ele criada, sua amplitude envolve a movimentação da economia, promove mudanças por meio da geração de novas ideias, e impulsiona o mercado por meio da criação de novos empregos e competências. Uma pessoa empreendedora enxerga a oportunidade onde ninguém mais enxergou e com muita atitude a transforma em algo concreto.

Dolabela (2006) diz que tal definição apresentada ao empreendedor se transforma de acordo com o cenário e o momento em que se pratica a ação empreendedora. Ele segue

dizendo que o empreendedor vive em sociedade e por isso adquire princípios e valores advindos desse contexto. Entretanto, a criatividade e coragem para aproveitar as oportunidades e assumir riscos são fundamentais para desenvolver a ação empreendedora.

Fillion (2000) afirma que o empreendedor de sucesso apresenta características próprias que contribuem para o alcance dos objetivos. Dentre as características estabelecidas por Fillion, destacam-se as descritas no Quadro 1.

Quadro 1 - Características dos empreendedores de sucesso

Valores e cultura de empreendedorismo adquiridos por meio de contato com, pelo menos, um modelo empreendedor durante a juventude
Experiência em negócios
Diferenciação
Intuição
Envolvimento
Trabalhadores incansáveis
Sonhadores realistas (visionários)
Líderes
Trabalham em rede com moderação
Têm seu próprio sistema de relações com os empregados
Controladores do comportamento das pessoas ao seu redor
Aprendizagem dos seus próprios padrões

Fonte: Fillion(2000).

2.3 Empreendedorismo no Brasil

O empreendedorismo representa uma relevante área do desenvolvimento econômico do País, a sua capacidade de gerar riqueza e empregos faz com que muitos problemas sociais sejam resolvidos. Porém o ato de empreender é desafiador (VAN DER LIPPE; LIPPÉNI 2018); requer das pessoas capacidade para lidar com as adversidades decorrentes da atividade (ZHU; ZHOU; LAU; WELS, 2020).

Alguns indícios demonstram que ações empreendedoras no Brasil já eram exercidas há muitos anos. Porém, Ferreira (2015) afirma que foi na década de 1990 que a atividade ganhou repercussão, devido à fundação do Sebrae. Seu objetivo, portanto, era oferecer suporte aos empreendedores que desejavam abrir empresas. Tal acompanhamento abrangia a criação do projeto, acompanhamento e resolução de problemas depois de a empresa ser aberta.

Em 1999, o governo federal criou o Programa Brasil Empreendedor, voltado para o apoio a empresários. Nesse período, o empreendedorismo ganhou ênfase por meio do

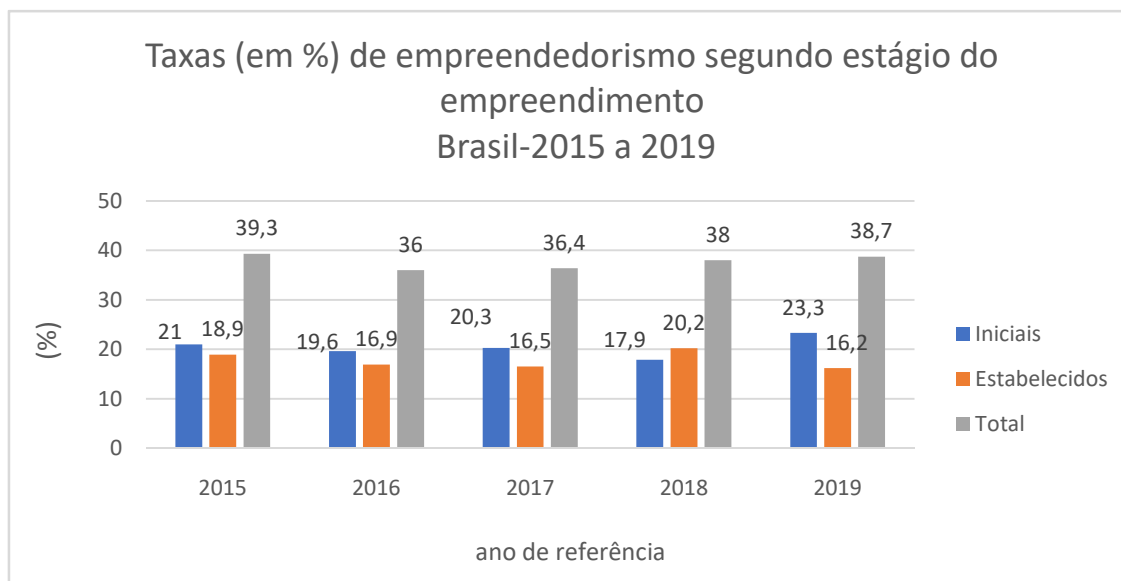
comércio online (DORNELAS, 2005). Contudo, Baggio e Baggio (2014) afirmam que o Brasil possui grande potencial empreendedor, mas que infelizmente não consegue explorá-lo da maneira correta devido aos diversos fatores impeditivos, dentre eles a escassez de políticas públicas.

No Brasil, as micro e pequenas empresas e os microempreendedores individuais representam 89,93% dos estabelecimentos existentes no país. Essas empresas surgem diariamente e desempenham papel fundamental no desenvolvimento do país (SEBRAE, 2018).

A pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) realiza todos os anos em parceria com o Sebrae a avaliação do nível nacional da atividade empreendedora no Brasil. No ano de 2019, ficou confirmado que existe um total de 53,4 milhões de brasileiros à frente de alguma atividade empreendedora, consolidando um novo negócio ou lutando para manter um negócio aberto (GEM, 2020).

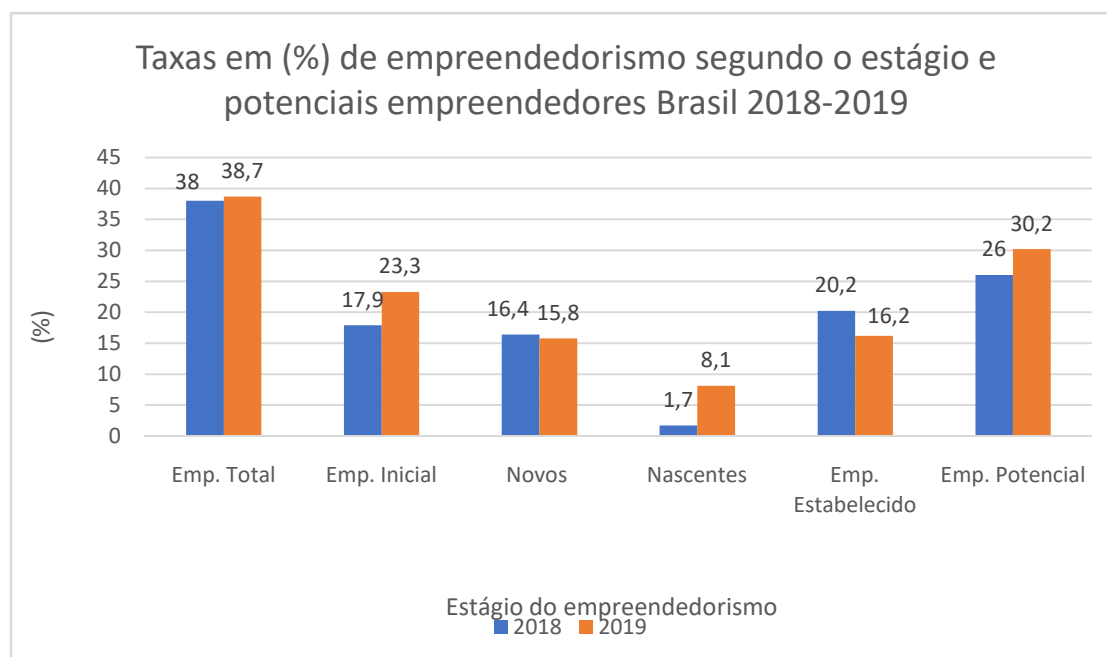
Para uma melhor compreensão, o GEM (2020) categoriza os empreendedores de acordo com o estágio do empreendedorismo em que se encontram: iniciais e estabelecidos. Sendo que os empreendedores iniciais são subdivididos em nascentes ou novos: os nascentes estão estruturando o negócio e ainda não pagaram nenhuma remuneração por mais de três meses, enquanto os novos também são proprietários de negócios que ainda estão sendo estruturados, porém já pagaram salários ou qualquer outro tipo de remuneração por mais de três meses e menos de 42 meses (3,5 anos). Já os estabelecidos são considerados como consolidados, uma vez que pagaram salários ou qualquer outro tipo de remuneração por mais de 42 meses (GEM, 2020).

Os indicadores da GEM 2019 confirmaram que após a queda registrada entre os anos de 2016 e 2018, houve em 2019 um aumento significativo na taxa de empreendedores iniciais, refletindo em um aumento na taxa de empreendedores totais em 2019, conforme apresenta o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Taxas (em %) de empreendedorismo segundo estágio do empreendimento

Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

O progresso em 2019 em relação à taxa de empreendedorismo total se deve ao aumento da taxa de empreendedores nascentes, com uma expansão de 6,4% se comparado a 2018. A pesquisa revelou ainda que a taxa de empreendedorismo potencial em 2019 foi de 30,2%. Isso significa que de cada 10 brasileiros adultos, com idade entre 18 e 64 anos, que não são considerados empreendedores, três deles gostariam de abrir um negócio próprio nos próximos três anos, de acordo com o Gráfico 2:

Gráfico 2 - Taxas em (%) de empreendedorismo segundo o estágio e potenciais empreendedores

Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

2.4 Motivadores do Empreendedorismo no Brasil

Desde que foi criado, o GEM apresenta duas predileções motivacionais para empreender: por oportunidade ou por necessidade. Porém, diante do cenário contemporâneo, percebe-se que elas não são mais suficientes para definir os motivos pelos quais se abre um negócio, uma vez que a forma como estão apresentadas induz a uma opção ou outra, suprimindo a diversidade de outros motivos que levam uma pessoa a empreender. Essa percepção fez com que os responsáveis pela pesquisa GEM realizassem diversos debates nos quais decidiram incorporar na análise questões aptas a captar as múltiplas motivações que levam uma pessoa a empreender.

A partir dessa nova perspectiva, foram apresentadas aos entrevistados no GEM 2019 quatro opções motivacionais para empreender: para ganhar a vida porque os empregos são escassos, para fazer a diferença no mundo, para constituir uma grande riqueza ou uma renda muito alta, para continuar uma tradição familiar. Os resultados são apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 - Percentual dos empreendedores iniciais segundo as motivações para começar um novo negócio - Brasil – 2019

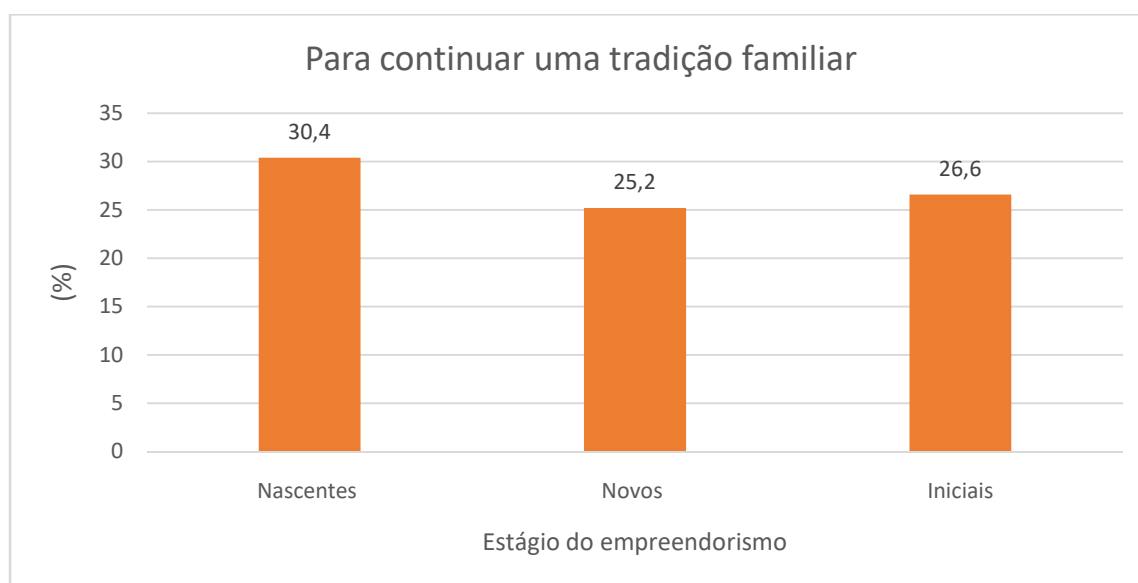
Motivações	% Empreendedores Nascentes	% Empreendedores Novos	% Empreendedores Iniciais
Mais de uma motivação	79,8	66,0	70,8
Apenas uma motivação	20,2	34,0	29,2
Total	100,0	100,0	100,0
Tipos de Motivação	Nascentes	Novos	Iniciais
Para continuar uma tradição familiar	30,4	25,2	26,6
Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	45,6	32,4	36,9
Para fazer diferença no mundo	65,3	44,7	51,4
Para ganhar a vida por que os empregos são escassos	88,7	88,4	88,4

Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

A Tabela 1 mostra que 70,8% dos empreendedores iniciais apresentaram mais de uma motivação para abrir um negócio. Os empreendedores nascentes são 79,8% e os novos 66%, uma diferença de quase 14 pontos, comprovando que as opções motivacionais não podem se limitar apenas a oportunidade e necessidade.

Apenas 29,2% dos empreendedores iniciais apresentaram um único motivo para abrir um negócio. Dentre os nascentes foram 20,2% e os novos 34%. Os Gráficos 3 a 6 ilustram detalhadamente cada item.

Gráfico 3 - Para continuar uma tradição familiar

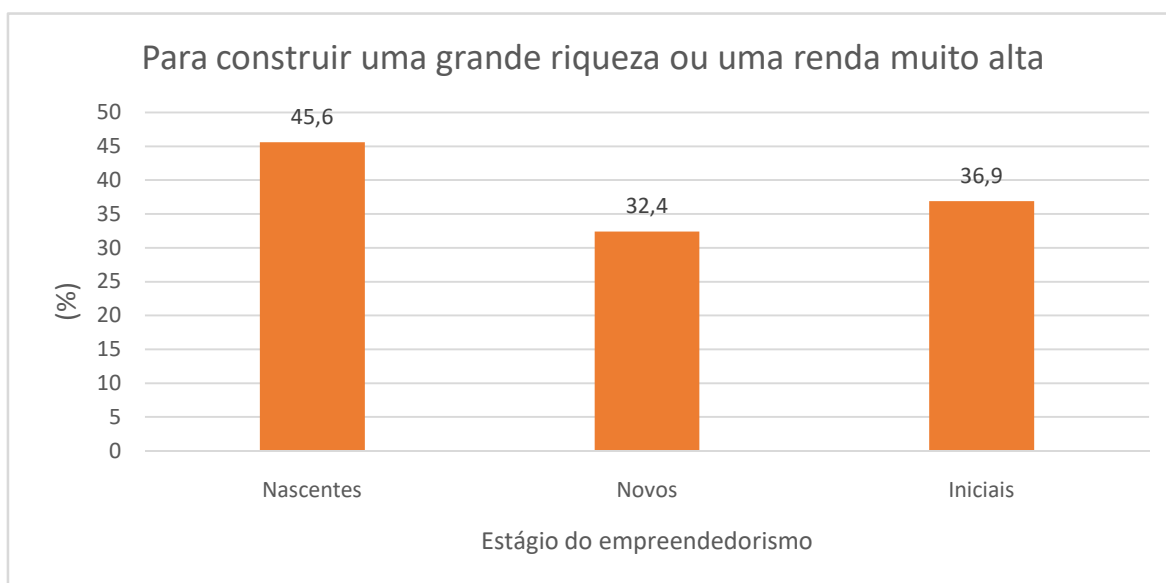


Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

Esta foi a motivação menos indicada pelos empreendedores brasileiros, porém mais de um quarto deles disseram estar envolvidos em novos negócios para dar continuidade a uma tradição familiar. Os empreendedores nascentes que indicaram essa motivação correspondem a 5,2 pontos a mais que os novos.

Com esse resultado, o Brasil ficou na 33^a posição com 26,6 pontos, entre os participantes do GEM.

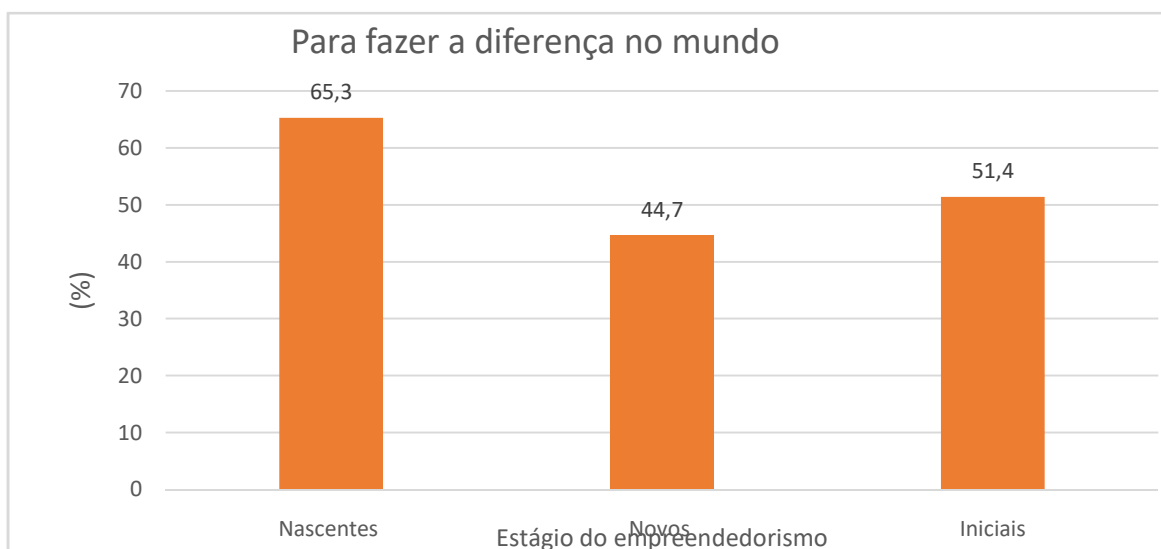
Gráfico 4 - Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta



Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

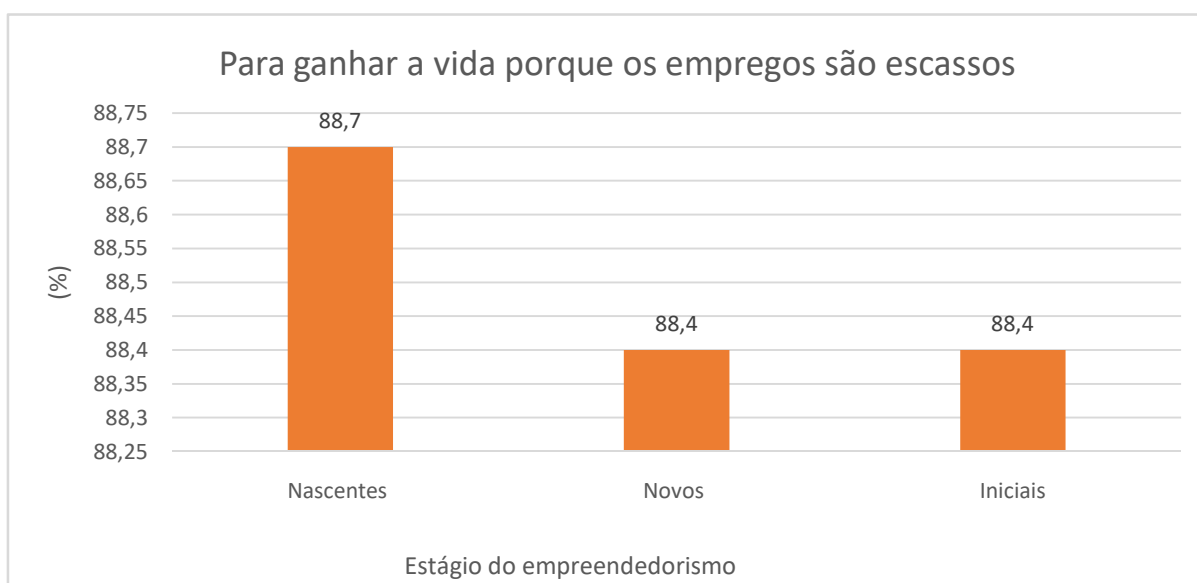
Depois do item anterior, este foi o menos indicado pelos empreendedores brasileiros. Esse resultado demonstra que embora construir riqueza e renda seja uma aspiração de muitos brasileiros, não se configura a principal delas. Apenas 36,9% dos empreendedores iniciais apresentaram esse motivo para iniciar um negócio. Dentre os nascentes foram 45%, e dos novos foram 32,4%.

Com esse resultado o Brasil ficou na 42^a posição entre os participantes do GEM para esse quesito com 36,9 pontos.

Gráfico 5 - Para fazer a diferença no mundo

Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

Esta foi a segunda motivação mais indicada pelos empreendedores iniciais entrevistados, o que demonstra que independente da natureza do negócio, as pessoas estão preocupadas em contribuir para a melhoria do ambiente em que vivem. Desse modo, 51,4% dos empreendedores iniciais disseram estar buscando fazer a diferença no mundo. Dentre os nascentes, foram 65,3% e dentre os novos foram 44,7%. Esse resultado deu ao Brasil a posição de 18º lugar dentre as 50 economias participantes do GEM, com 51,4 pontos.

Gráfico 6 - Para ganhar a vida porque os empregos são escassos

Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM 2020.

Este item pode ser considerado o que mais se aproxima do empreendedorismo por necessidade e foi o item mais indicado pelos empreendedores iniciais entrevistados em 2019.

88,4% dos empreendedores iniciais apontaram esse motivo como um influenciador na abertura de um novo negócio. Dentre os nascentes foram 88,7% e dentre os novos foram 88,4%. Esse resultado promoveu o Brasil à 9ª posição entre os países participantes do GEM, com 88,4 pontos.

É importante lembrar que 70,8% dos empreendedores iniciais entrevistados apontaram mais de um motivo para abrir um negócio, por isso, não seria pertinente relacionar esse item diretamente com o empreendedorismo por necessidade. Outro fator que deve ser ponderado para este item, diferentemente dos demais, é que 26,2% dos empreendedores iniciais afirmaram que esse motivo foi o único considerado para a abertura de um novo negócio.

2.5 O Avanço do Empreendedorismo Feminino no Brasil

Melo, Silva e Almeida (2019), em seus trabalhos sobre empreendedorismo, apresentam a discussão envolvendo o termo gênero e o associando diretamente à mulher e ao quanto ela tem se destacado no mercado em relação ao homem, quando se trata de abertura de empresas.

Conforme apontam Schlickmann e Pizarro (2013), o paradigma de que o papel da mulheres se limitava à procriação e cuidadora do lar foi rompido, dando a elas uma posição de destaque no mercado como grandes tomadoras de decisões. Bertolin (2010) destaca que profissões que até então eram ocupadas apenas por homens, passaram a ser apropriadas também pelas mulheres, demonstrando a sua capacidade de contribuir e provocar mudanças tanto na sociedade quanto na família.

O empreendedorismo feminino proporciona além da independência financeira, a satisfação pessoal, elevação da autoestima e a redução do preconceito que durante anos esteve presente na sociedade, reduzindo as mulheres a papéis de coadjuvantes de uma história na qual os homens sempre ficaram com o papéis de protagonistas (CESTARI, 2018).

Peres e Sparemberger (2018) afirmam que o empreendedorismo feminino é uma ótima opção para a geração de renda, além de ser uma oportunidade de realização pessoal e profissional. Porém, a preocupação com o lar ainda é um entrave para esse crescimento. A grande maioria das mulheres precisam se ocupar de funções que permitem carga horária

reduzida ou flexível para que os impactos da conciliação entre a vida pessoal e profissional, não provoquem grandes conflitos.

Sousa et al. (2016) defendem que aquele paradigma que apontava os homens como os construtores e geradores de riqueza foi dando lugar à compreensão de que as mulheres com sua capacidade de visão sistêmica e um alto poder de intuição tem atuado nos mais diversos segmentos do mercado, adquirindo respeito entre seus pares nos cargos estratégicos que ocupam.

Barreto et al. (2017) declaram que embora o empreendedorismo feminino tenha crescido ao longo dos anos, as mulheres ainda possuem oportunidades limitadas, além de sofrerem com excesso de burocracia, preconceito e outros entraves que dificultam o seu crescimento. Acredita-se que esse fato contribua para a segregação delas no mercado formal, estimulando a sua predominância no mercado informal.

Carrijo e Ferreira (2017) reforçam que o empreendedorismo feminino tem crescido muito no Brasil, mas que as mulheres ainda enfrentam desafios, entre eles a consolidação de seus direitos e a dificuldade de conciliar a dupla jornada. Porém, o desejo de autorrealização e autonomia estimula essa busca incessante.

Para Tonani (2011), as empresas do atual cenário globalizado e moderno exigem que a produtividade esteja associada a qualidade, inclusive das relações, além da boa adaptabilidade ao mercado que se encontra em situação de instabilidade criativa. Esse perfil tem sido muito encontrado pelas empresas nas lideranças femininas, abandonando o paradigma de que esses atributos são exclusivos dos homens (TONANI, 2011).

A pesquisa intitulada “Empreendedorismo no Brasil 2019: Um recorte sobre gênero” (REDE MULHER EMPREENDEDORA, 2019), realizado pela Rede Mulher Empreendedora (RME), aponta que o perfil ideal da mulher empreendedora do Brasil atualmente é de 39 anos, com curso superior concluído, casada e com filhos. Inclusive boa parte delas desenvolve a ação empreendedora depois da chegada dos filhos, direcionando dentre os principais motivos para abrir um negócio, as questões emocionais, uma vez que se preocupam com o futuro dos filhos e se sentem na obrigação de prover uma condição de sobrevivência próspera a eles, ao contrário dos homens que ao abrir um negócio possuem como foco principal o ganho financeiro.

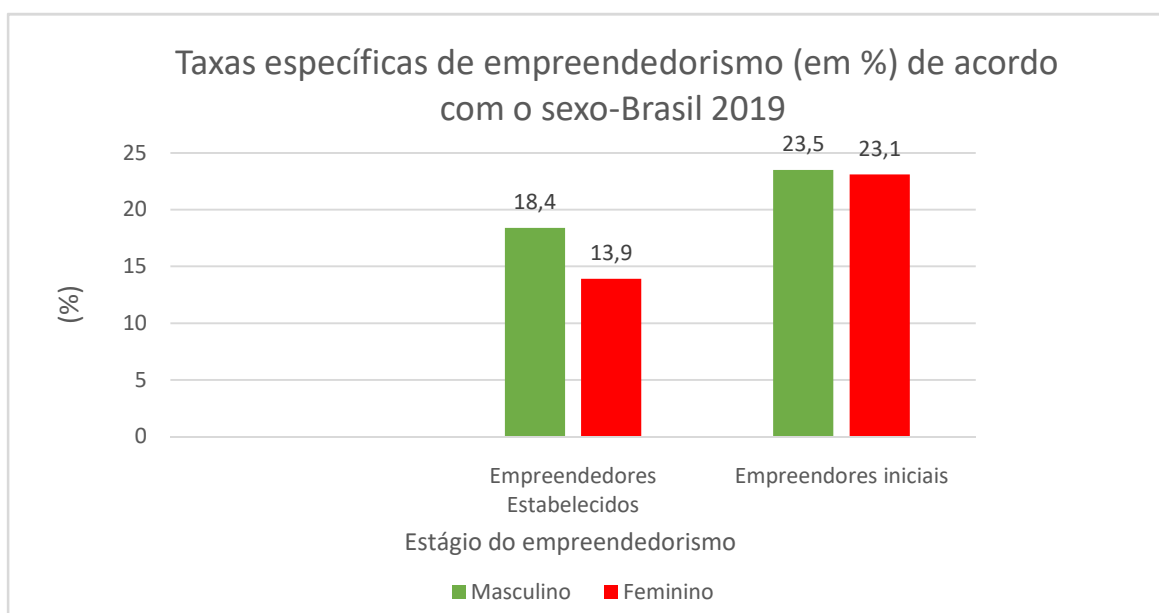
De acordo com Gomes et al. (2009), há alguns anos as mulheres já não entram no mercado apenas como empregadas e sim como empregadoras, o que tem proporcionado o crescimento econômico não só delas, mas do cenário onde se inserem. Para Silveira e Gouvêa (2008), as mulheres têm feito a diferença no âmbito da geração de empregos fazendo com que

o País ganhasse um novo sentido principalmente no que se refere as pequenas e médias empresas.

Prashar, Vijay e Parsad (2018) afirmam que as mulheres empreendedoras estão predispostas a considerar mais a qualidade de vida do que fatores financeiros quando vão medir o próprio sucesso, o que envolve a conquista da autonomia e do tão sonhado empoderamento.

De acordo com a pesquisa GEM de 2019, com relação aos empreendedores iniciais, existe uma sutil diferença entre as taxas relacionadas ao empreendedorismo feminino e masculino, o que reforça o maior envolvimento das mulheres em novos negócios.

Gráfico 7 - Taxas específicas de empreendedorismo (em %) de acordo com o sexo



Fonte: Adaptado pela autora a partir de GEM (2020).

A partir do Gráfico 7, pode-se compreender que para os empreendedores estabelecidos, a diferença entre homens e mulheres é de 4,5%. Já para empreendedores iniciais essa diferença cai para 0,4%, diferença praticamente irrelevante. A diferença entre homens e mulheres relacionada a empreendedores estabelecidos se deve a fatores como:

- A forte presença masculina em atividades empreendedoras no passado, refletindo em um número maior de homens e negócios consolidados;
- Na transição de negócio inicial para negócio estabelecido existem indícios de que as mulheres tendem a abandonar mais o empreendimento

2.6 As Principais Barreiras ao Empreendedorismo Feminino

Embora o cenário atual favoreça o empreendedorismo feminino, ainda existem algumas barreiras que dificultam esse avanço. De acordo com a literatura, a discriminação ainda está presente na vida das mulheres que se encontram no mercado de trabalho, provocando uma limitação em seu progresso profissional. Esse fenômeno chamado “teto de vidro” é realidade e leva muitas mulheres a verem seus sonhos ameaçados dentro das Organizações. Essas mulheres, no entanto, buscam no empreendedorismo uma alternativa para superar essa limitação (MALDALOZZO, 2010).

O conceito de “teto de vidro” faz referência às barreiras que as mulheres enfrentam no âmbito organizacional e que as impedem de prosperar profissionalmente em decorrência do gênero (KANAN, 2010).

Embora as mulheres encontrem no empreendedorismo uma possibilidade maior de conquista da autonomia profissional e financeira, ainda assim, as barreiras persistem e se tornam um desafio para aquelas que sonham com um futuro melhor. Essa realidade é confirmada por algumas pesquisas realizadas no Brasil.

Machado et al. (2017), por meio de um levantamento com 102 mulheres empreendedoras, podem identificar barreiras ao empreendedorismo, dividindo-as em dois grupos diferentes. Primeiro, o grupo relacionado com as características das empreendedoras: falta de qualificação pessoal, falta de autoconfiança e perfil não inovador. O segundo grupo é referente à gestão das empresas, e apresentou quatro barreiras principais: falta de planejamento, falta de organização, falta de informações e falta de estratégias de crescimento.

Nassif, Andreassi e Tonelli (2016), ao pesquisarem 115 mulheres empreendedoras no Brasil, perceberam situações difíceis vivenciadas por elas e que poderiam ter ocasionado o fechamento do negócio, como problemas afetivos graves e outros relacionados a questões financeiras, clientes e gestão de pessoas. Ficou entendido que os fatores afetivos estão associados principalmente ao grupo familiar, como cônjuge, filhos, pais e irmãos, que muitas vezes interferem no negócio, extrapolando as fronteiras do respeito ao profissionalismo. Além disso, outras situações, como divórcio e litígios familiares, são dificuldades citadas pelas mulheres pesquisadas.

Outra barreira ao empreendedorismo feminino, percebida por Machado (2013) em sua pesquisa, é o equilíbrio familiar, seguido do estresse pessoal ao ter que conciliar a dupla jornada.

Para o Sebrae, dentre as principais barreiras ao empreendedorismo, destacam-se as apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Principais barreiras ao Empreendedorismo feminino

Principais barreiras do Empreendedorismo feminino	Descrição
Preconceito	Apesar dos avanços, ainda existem discriminação e diferenças de oportunidades em relação aos homens.
Autoconfiança	Apesar do entendimento de que fracassar faz parte, mas desistir não, ainda existe um certo medo que impede muitas mulheres de empreender.
Múltipla jornada	O desafio de conciliar a vida pessoal com a profissional é grande, considerando que muitas empreendedoras também são mães, esposas e donas de casa.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Sebrae (2020).

Di Maio et al. (2012) afirmam que apesar das barreiras enfrentadas pelas mulheres em relação ao empreendedorismo, elas entendem a necessidade de buscar conhecimento como estratégia para o crescimento profissional e isso se torna um diferencial, juntamente com a capacidade de desenvolver várias tarefas simultaneamente.

Algumas mulheres demoram mais para investirem seus negócios por serem mais temerosas em relação a empréstimos. O medo de não conseguir cumprir com o financiamento devido à instabilidade do cenário é o mais grave deles. Porém, embora o empréstimo seja um elemento de risco, ele possibilita elevar o empreendimento de um estágio para outro, promovendo seu crescimento e uma melhor participação no mercado (CARREIRA et al., 2015).

Na grande maioria das vezes os negócios liderados por mulheres tendem a fechar mais que os liderados por homens, por diversos motivos que justificam o fechamento, dentre eles, a dificuldade em conciliar a vida pessoal e a profissional. Embora haja flexibilidade em relação aos horários de funcionamento do negócio, algumas mulheres não permanecem por muito tempo ativas no mercado (TONELLI; ANDREASSI, 2018).

Isso é reforçado por (LIMA; LIMA; TANURE, 2009) ao dizerem que as barreiras estão quase sempre relacionadas ao preconceito e discriminação em relação a capacidade de liderança exercida pelas mulheres, além do acúmulo de atividades que desenvolvem simultaneamente, podendo gerar conflitos familiares. Nesse contexto, o empoderamento representa a capacidade de superar todos os desafios que limitam a capacidade

empreendedora, inclusive ligadas a questões patriarcais. Isso assegurará a autonomia para controlar o próprio corpo e sua sexualidade, além do direito de ir e vir e o desprezo a violência(MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008).

Candaten, et al. (2006) afirmam que o grande dilema da mulher em conciliar a vida pessoal e profissional se encontrana falta de tempo envolvendo todas as atividades que requerem a sua atenção. A conciliação de papéis nesse sentido torna-se atribulada e em diversas ocasiões, se percebe a grande dificuldade que ela enfrenta para desvincular-se do lar no ambiente de trabalho, ou do trabalho no ambiente doméstico, o que pode ocasionar situações de estresse devido ao fato de um interferir no outro, representando um ponto negativo para elas.

3 MÉTODO

De acordo com Gonsalves (2005), a metodologia abrange um conjunto de técnicas e procedimentos utilizados ao coletar os dados empíricos.Quanto à finalidade,trata-se de uma pesquisa aplicada, pois além de promover o avanço da ciência por meiode discussões no âmbito acadêmico, os resultados levam a aquisição de conhecimentos que,se aplicados

corretamente, contribuem para a solução do problema. Segundo Gil (2008), a pesquisa aplicada é bastante utilizada por pesquisadores como psicólogos, sociólogos, economistas e assistentes sociais.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, realizada através de entrevistas com todas as participantes do programa. A pesquisa qualitativa faz alusão a diversas perspectivas, modalidades, abordagens, metodologias, desenhos e técnicas adotadas tanto no planejamento quanto no desenvolvimento de estudos, indagações ou investigações interessadas em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações no âmbito da investigação (JACOB, 1987; JORDAN, 2018).

O presente estudo trata-se de um estudo de caso. Para Yin (2010), o estudo de caso consiste na compreensão de “como” e “porque”, sendo que o pesquisador tem pouco controle das ocorrências, concentrando-se nos fatos apresentados dentro de um contexto real e contemporâneo.

Segundo Stake (2000), o estudo de caso apresenta interesse em casos individuais e não nos métodos de investigação que pode abranger. Considera-se o fato de que nem tudo pode ser considerado um caso, pois um caso é uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas.

Com o estudo de caso é possível esclarecer os motivos que contribuirão para uma ou várias tomadas de decisões, bem como os resultados obtidos (SCHRAMM, 1971). Para Yin (2010), uma falha comumente cometida é a de se considerar o estudo de caso como um estágio exploratório de algum outro tipo de estratégia. Como estratégia de pesquisa, o estudo de caso representa o método que abrange tudo com a lógica de planejamento, incorporando abordagens específicas à coleta e análise de dados. Nesse sentido, considera-se o estudo de caso uma estratégia de pesquisa abrangente.

No presente trabalho a técnica adotada para a análise dos dados foi a análise de conteúdo, através da qual é possível reduzir os dados e simultaneamente tornar mais simples o processo de descrição e interpretação dos mesmos (VALA, 2005).

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo já era utilizada nas áreas das comunicações bem antes de se tornar uma das metodologias mais adotadas pela ciência. Para a autora, essa análise constitui um conjunto de técnicas, que de maneira sistemática, adquire indicadores que facilitam a inferência dos conhecimentos obtidos a partir do que foi produzido (BARDIN, 1977).

Para garantir uma maior fidedignidade das informações inseridas no presente trabalho, foi elaborado o protocolo para estudo de caso e a matriz de amarração, conforme apresentam os Apêndices 1 e 2.

A presente pesquisa teve como foco o programa Juntas, idealizado pela Cooperativa de Crédito - Sicredi e lançado em outubro de 2020. Esse programa em Goiás é composto por 15 empreendedoras associadas, moradoras da Capital e do interior. Atuantes em diversos segmentos, prevalecendo em maior quantidade a produção de produtos agrícolas e o artesanato.

O objetivo do programa Juntas é contribuir para a inserção digital das empreendedoras por meio de metodologias vivenciais voltadas para a inovação e Empreendedorismo oferecidas pelo Sicredi em parceria com o Sebrae Goiás.

Para a obtenção dos resultados esperados com a presente pesquisa, foi possível entrevistar 11 das 15 empreendedoras integrantes do programa Juntas. As outras 4 integrantes não disponibilizaram tempo para a realização da ação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados é um dos momentos cruciais da pesquisa, eles são obtidos por meio da entrevista e transcritos organizadamente de forma estruturada e sistematizada para gerar resultados (BOGDAN; BIKLEN, 2010).

Para que a entrevista seja bem sucedida, é necessário que haja criatividade, sensibilidade, concentração, além de muito trabalho (POLIT; HUNGLER, 2004). A partir desse pressuposto compreende-se a relevância da dedicação durante essa fase da pesquisa.

O Quadro 3 apresenta o perfil das entrevistadas identificadas pelas letras do alfabeto para preservar as respectivas identidades.

Quadro 3 - Perfil das entrevistadas

Perfil das entrevistadas					
Entrevistada	Idade	Est. Civil	Escolaridade	Filhos	Atuação
A	39	Casada	Ens. Médio completo	Sim	Empório
B	59	Casada	Ens. Médio completo	Sim	Aviação Agrícola
C	30	Solteira	Ens. Superior incompleto	Não	Cosmético
D	41	Casada	Mestrado	Sim	Consultoria e Treinamento
E	42	Divorciada	Ens. Superior Completo	Sim	Confecção
F	35	Casada	Ens. Superior Incompleto	Sim	Comércio de roupas
G	32	Casada	Ens. Médio Completo	Sim	Mine Mercado
H	44	Casada	Ens. Médio Completo	Sim	Comércio de Cosmético
I	28	Casada	Ens. Médio Completo	Sim	Lava jato
J	26	Solteira	Ens. Superior Incompleto	Não	Comércio de roupas
L	48	Casada	Ens. Superior completo.	Sim	Confeitaria

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

De acordo com o Quadro 3, observa-se que existe uma certa diversidade no perfil das entrevistadas que possuem idades entre 26 e 59 anos, a maioria delas sendo casadas e com filhos, estando presentes em diversos segmentos de atuação. Além disso, o grau de escolaridade também é diverso, variando entre ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo.

Para Versiani et al. (2019), quanto mais alto o grau de instrução, maior é o desejo de desenvolver a atividade empreendedora. De acordo com o autor, as mulheres com mais estudo

tendem a investir mais em qualificação profissional, acreditando que melhorar continuamente é fundamental para manter a qualidade do negócio.

A entrevista realizada com as empreendedoras integrantes do programa Juntas seguiu um roteiro envolvendo a desigualdade de gênero, motivadores do empreendedorismo no Brasil, barreiras ao empreendedorismo feminino no Brasil.

4.1 Contexto da desigualdade de gênero

Sobre esse contexto foi abordada a influência que o poder patriarcal exerceu no passado evidenciando a desigualdade de gênero. Em seguida foi questionado a cada entrevistada se ela acredita que com o passar dos anos, essa realidade mudou. As respostas a esse questionamento estão descritas no Quadro 4.

Quadro 4 - A história mostra que o nosso passado foi marcado pela presença forte do patriarcado, evidenciando claramente a desigualdade de gênero. Você acredita que com o passar dos anos essa realidade mudou? Por quê?

Entrevistada A	Mudou em partes. Melhorou muito em relação a ocupação de cargos. Porém os salários ainda continuam desiguais devido a cultura que está arraigada.
Entrevistada B	Sim. Minha mãe sofreu muito com isso. Eu apesar de ter ficado muitos anos só cuidando da casa e dos filhos, vejo que a realidade é diferente. Hoje a mulher precisa trabalhar por que a maioria dos homens não dão conta de sustentar a família.
Entrevistada C	Mudou, mas não considero que alcançamos um cenário de igualdade
Entrevistada D	Na verdade, na minha opinião, esta questão de desigualdade de gênero, é muito ampla em várias aspectos. E demanda uma análise mais profunda. Todavia homens e mulheres são realmente diferentes, mas não vejo que um seja melhor ou mais capaz que outro. Por isso há de verificar o contexto onde ambos estejam inseridos, para então avaliar a então desigualdade.
Entrevistada E	Sim! As mudanças tem acontecido de maneira lenta, mas já temos avanços. Temos mais oportunidade principalmente no mercado de trabalho, conseguimos tocar sozinhas uma empresa e com a mesma competência do homem.
Entrevistada F	Sim. A mulher é mais respeitada mas ainda enfrenta dificuldades devido ao próprio fato de ser mulher.
Entrevistada G	Mudou pouco. A mulher ainda sofre muito preconceito e discriminação principalmente no mercado de trabalho.
Entrevistada H	Sim. Hoje a mulher tem mais oportunidades
Entrevistada I	Mudou sim, mas ainda continuamos tendo dificuldade para conseguir financiamento
Entrevistada J	Mudou pouco. No fundo as mulheres ainda sofrem preconceito
Entrevistada L	Mudou mas ainda precisa mudar mais. A mulher continua sofrendo preconceito

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O que se percebe por meio das respostas obtidas é que o poder patriarcal que durante anos causou danos físicos e psicológicos a vida da mulher, foi substituído por uma cultura

mais flexível que reduziu de maneira significativa a desigualdade de gênero. Inclusive a respondente B, com maior idade afirma que atualmente a mulheres precisam trabalhar por que a maioria dos homens não dão conta de sustentar a família. Porém, todas elas, inclusive as entrevistadas I e J, com menor idade dizem que ainda enfrentam dificuldades em decorrência do gênero, uma vez que o preconceito continua arraigado na sociedade, limitando o desenvolvimento feminino. Isso é percebido principalmente quando se trata de salário e oportunidade no mercado.

Isso confirma os estudos de Lages (2005), as hostilidades ao gênero feminino são características culturais, através das quais as mulheres são colocadas em posições periféricas no mercado de trabalho ou como subservientes no contexto doméstico.

4.2 Contexto dos motivadores do empreendedorismo no Brasil

Foi questionando às empreendedoras a respeito do tempo em que estão à frente do negócio. As respostas estão descritas no quadro 5.

Quadro 5 - Tempo de atuação no negócio

Entrevistada A	5 anos
Entrevistada B	26 anos
Entrevistada C	6 anos
Entrevistada D	16 anos
Entrevistada E	6 anos
Entrevistada F	4 anos
Entrevistada G	8 anos
Entrevistada H	3 anos
Entrevistada I	2 anos
Entrevistada J	2 anos e meio anos
Entrevistada L	11 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com relação ao tempo de atuação, a pesquisa mostra que é bem diverso, tendo empreendedoras iniciais e empreendedoras já estabelecidas no negócio.

Para o GEM (2020), empreendedoras iniciais são aquelas que pagaram algum tipo de remuneração por um período máximo de três anos e meio e empreendedoras estabelecidas ultrapassaram esse período com pagamento de qualquer tipo de remuneração. Porém o que se percebe em relação as entrevistadas é que apenas três encontram-se na fase inicial, estando as demais já estabelecidas, uma vez que a atuação empreendedora dentre elas varia de 2 a 26 anos entre elas.

Sobre os fatores motivadores para que as empreendedoras abrissem o negócio, as respostas estão descritas no Quadro 6.

Quadro 6 - Qual o principal fator motivador para que você abra um negócio próprio?

Entrevistada A	Independência financeira. Ter que ficar pedindo dinheiro ao esposo para fazer tudo o que precisa é horrível.
Entrevistada B	Necessidade de sobreviver
Entrevistada C	Necessidade de melhorar a renda e conquistar autonomia
Entrevistada D	O primeiro fator foi a flexibilidade de horário, depois a possibilidade de remuneração maior, grande desejo de fazer o que gosta, tomar decisões, mas por um lado sabia que não seria somente um sonho, que teria que arregaçar as mangas, não foi nem está sendo fácil, e por fim, gostaria de crescer e gerar empregos.
Entrevistada E	A possibilidade de ter mais autonomia em relação à administração do meu tempo e ainda a elevação da renda.
Entrevistada F	Ter meu próprio dinheiro por que não sei do dia de amanhã
Entrevistada G	Deixar de ser empregada e trabalhar por conta própria
Entrevistada H	Vontade de crescer, por que a gente percebe que o mundo está cada vez mais difícil, então precisamos lutar muito.
Entrevistada I	Aumentar a renda da família, por que tudo está muito caro e precisamos sobreviver.
Entrevistada J	Vontade de ganhar um pouco mais para ter um futuro mais tranquilo
Entrevistada L	Ter autonomia financeira

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Segundo Pinel e Longo (2018), as mulheres acreditam que através do desenvolvimento de suas habilidades para empreender, podem conquistar a autonomia e a independência financeira. Isso faz com que empreguem grandes esforços em suas ações empreendedoras. A afirmação do autor pode ser evidenciada na fala de 88% das entrevistadas que apresentam essa conquista como o principal objetivo ao desenvolver uma ação empreendedora. Inclusive a entrevistada A relata as dificuldades da mulher que se encontra em situação de submissão financeira. Nesse contexto além da entrevistada A, também as entrevistadas C, E, F, G, J e L de idades diferentes declaram explicitamente que o fator financeiro é o principal motivador para o empreendedorismo feminino, compreendendo a partir dos diversos relatos que ele está alinhado a conquista da autonomia.

Uma outra questão claramente percebida entre as entrevistadas é a preocupação com cenário atual e futuro. Nesse contexto destaca-se a entrevistada J que inclusive é a mais nova dentre elas. Com 26 anos, solteira e sem filhos, ela apresenta a preocupação com o futuro como um motivador e atrela a conquista financeira a esse objetivo. Já a entrevistada D, com 41 anos, traz um motivador principal diferente da grande maioria delas, priorizando a flexibilidade de horário, seguida dos aspectos financeiros, desejo de fazer o que gosta e liberdade para tomar decisões.

Embora haja diversidade entre as respostas apresentadas, percebe-se que estão bem alinhadas aos dois últimos motivos propostos pelo GEM (2020), para fazer a diferença no mundo e para ganhar a vida por que os empregos estão escassos, uma vez que listam a independência financeira e a conquista da autonomia como grandes motivos para empreender.

Cadonáet al. (2019) reforça essa afirmação dizendo que as mulheres empreendem por que anseiam além da autonomia financeira, a realização pessoal através das diversas conquistas, por isso estão sempre buscando adquirir novas experiências, valorizam a melhoria contínua e despendem muito amor pelo que fazem.

Sobre o fato delas terem ou não uma profissão anterior, seguem no quadro 7 as respostas obtidas.

Quadro 7 - Você tinha outra profissão antes de montar o negócio?

Entrevistada A	Sim
Entrevistada B	Não
Entrevistada C	Sim
Entrevistada D	Sim
Entrevistada E	Sim
Entrevistada F	Não
Entrevistada G	Sim
Entrevistada H	Sim
Entrevistada I	Sim
Entrevistada J	Sim
Entrevistada L	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Apenas duas empreendedoras não desenvolviam nenhuma atividade fora de casa antes de montar o próprio negócio, as demais já tinham passado por outras profissões, porém encontraram no empreendedorismo possibilidade de crescimento.

A Empreendedora B atualmente com 59 anos e ensino médio completo, relatou que até os 33 cuidou da casa e dos filhos enquanto o marido desenvolvia atividades rurais. Ela aborda em seus relatos que a cultura de que a mulher é detentora apenas das responsabilidades domésticas lhe foi passada desde criança. Porém esse paradigma foi quebrado quando enxergou uma oportunidade de negócio. Hoje ela e o marido trabalham juntos, sendo ela a responsável pela gestão da empresa.

Já a empreendedora F com 35 anos, curso superior incompleto e com filhos, após longos anos cuidando do lar, percebeu com o apoio do marido a oportunidade de empreender o que proporcionou segundo ela, muitas mudanças, inclusive o interesse por dar continuidade aos estudos.

De acordo com Annor e Amponsah-tawiah (2017), muitas mulheres adiam o início da atividade empreendedora em função das responsabilidades domésticas, porém, após iniciá-la, essas mulheres continuam se responsabilizando pelas questões familiares, assumindo múltiplos papéis que podem leva-las ao esgotamento físico e mental, pondo em risco tanto as relações pessoais quanto o sucesso do empreendimento.

Sobre a identificação da oportunidade de negócio, as respostas estão descritas no Quadro 8.

Quadro 8 - Como você identificou esta oportunidade de negócio?

Entrevistada A	Buscando ideias no mercado percebi que seria um bom negócio.
Entrevistada B	No mercado tinham poucas empresas que ofereciam o que nós fazemos.
Entrevistada C	Quando ainda estava trabalhando, comecei a vender os produtos em casa, nos horários vagos e finais de semana.
Entrevistada D	Através das minhas relações cotidianas com o trabalho na educação superior e ainda a partir da minha experiência.
Entrevistada E	Eu já conhecia o ramo e como tinha o acerto da empresa onde eu trabalhava, então utilizei para montar o negócio.
Entrevistada F	O segmento de moda nunca cai, então achei que fosse um ótimo negócio e o marido ajudou por a ideia em prática
Entrevistada G	Falta de comércio aqui na região e grande demanda
Entrevistada H	As mulheres não param de comprar cosméticos, como eu gosto muito e conheço o ramo, achei uma boa oportunidade.
Entrevistada I	Tem muitos carros aqui no bairro e poucos lava-jatos então eu e meu marido juntos tivemos a ideia de montar um.
Entrevistada J	É uma área que eu gosto muito e as mulheres não param de comprar roupas
Entrevistada L	Estava com um dinheiro guardado e então resolvi investir como sempre gostei de fazer bolos, então achei que era uma boa ideia

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para Costa (2017), o empreendedor que consegue enxergar as oportunidades é um visionário, capaz de planejar e traçar as metas necessárias ao atingimento dos objetivos, visando o crescimento e o lucro do negócio. As mulheres entrevistadas apresentaram esta característica empreendedora. Todas perceberam uma oportunidade consistente, através da análise de cenário que cada uma fez e investigações empíricas que levaram ao entendimento da viabilidade do negócio. Isso, aliado a disponibilidade de recursos possibilitou a realização do sonho.

No Quadro 9, é possível entender o posicionamento das entrevistadas quando questionadas sobre a importância do apoio da família para a mulher que está abrindo um negócio.

Quadro 9 - Você considera o apoio da família importante para a mulher que está abrindo um negócio próprio? Por quê?

Entrevistada A	Com certeza. Com o apoio da família a mulher tem mais força em persistir. Caso esse apoio não exista, ela pode desistir na primeira dificuldade.
Entrevistada B	Sim, principalmente quando os filhos são pequenos. Eu sofri muito com isso, por que na época não tinha com quem deixar. Deixava com um e com outro.
Entrevistada C	Não penso que há diferenciação de gênero no campo do apoio. A importância seria a mesma para um homem empreendedor.
Entrevistada D	Sim. Extremamente importante. Pois apesar de termos flexibilidade de horários, há momentos que nos é exigido uma dedicação maior ao empreendimento. E no meu caso, sinto-me como uma espécie de "culpa" por deixar a desejar principalmente em relação aos filhos.
Entrevistada E	Extremamente importante visto que a organização doméstica ainda está sobre meu poder de tomada de decisão.
Entrevistada F	Sim. O apoio da família oferece coragem
Entrevistada G	Sim. A família me encoraja nessa luta.
Entrevistada H	Sim. O primeiro apoio é da família, por que se a família for contra, o negócio não vai pra frente
Entrevistada I	Sim. É importante por que sozinho é muito difícil, então tem que ajudar com os filhos e também com as atividades de casa
Entrevistada J	Sim. Se a família gostar da ideia, já ajuda muito. Motiva
Entrevistada L	Sim. Se não fosse o apoio da família eu teria desistido

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Todas as entrevistadas julgaram extremamente importante o apoio da família para a mulher que está abrindo o próprio negócio, exceto a entrevistada C que acredita que independente do gênero o apoio da família é fundamental.

O que se percebe nesse contexto é que o primeiro apoio que a empreendedora espera é justamente o familiar. As respostas apresentadas pelas entrevistadas A, B, H, J e L evidenciam que caso ele não aconteça, consequências como a desistência do negócio se tornam bem possíveis.

O apoio da família ajuda tanto no encorajamento em relação a abertura do negócio, quanto aos cuidados com os filhos. As entrevistadas B, D, E e I evidenciam em suas respostas que os filhos enquanto pequenos limitam os sonhos das mães, uma vez que querem atenção. Partindo desse entendimento, elas julgam que ter com quem deixá-los se torna um alívio para muitas empreendedoras.

Conforme Carrijo e Ferreira (2017), embora o empreendedorismo feminino tenha crescido no Brasil, as mulheres ainda enfrentam o desafio de conciliar a dupla jornada. Porém o desejo de auto realização e autonomia estimula essa busca. Nesse sentido, os autores seguem defendendo a importância do apoio da família para que os objetivos do empreendedorismo feminino sejam atingidos com sucesso.

Algumas pesquisas tem apresentado estratégias adotadas pelo público para conciliar vida pessoal e profissional, como manter o controle emocional (STROBINO;

TEIXEIRA,2014), o apoio da família nas tomadas de decisões (LINDO et al., 2007; SILVA, 2006), o apoio do cônjuge (ALSOS; CARTER; JUNGREN; JØRSTAD, 2016; SILVA, MAINARDES; LASSO,2016), a flexibilização de horários (LINDO et al., 2007), o investimento nas habilidades empreendedoras, como comunicação eficaz, organização, planejamento, liderança e delegação de responsabilidades (AGARWAL; LENKA, 2015).

4.3 Contexto das principais barreiras ao empreendedorismo feminino no Brasil

Nesse contexto foi perguntado primeiramente se o cônjuge é um fator que atrapalha a atuação empreendedora e as respostas podem ser observadas no Quadro 10.

Quadro 10 - O cônjuge é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?

Entrevistada A	Não, pelo contrário, ele me incentiva e muito, porém sei que não é a realidade de muitas mulheres. O apoio do cônjuge faz toda a diferença.
Entrevistada B	Não. Pelo contrário, ajuda muito. Aqui a gente divide as tarefas e o negócio funciona.
Entrevistada C	Não se aplica
Entrevistada D	Sim há momentos que ajuda. Mas há momentos que dificulta. Na verdade, não usaria o termo atrapalhar. Mas de cobrança mesmo pois nem tudo acontece da forma que planejamos e isso tem um preço. Principalmente em relação a qualidade de vida.
Entrevistada E	Não se aplica
Entrevistada F	No meu caso não! Ele acredita que preciso ter a minha independência, até por que vou poder ajudar nas despesas de casa
Entrevistada G	No meu caso não, por que trabalhamos juntos, então um ajuda o outro.
Entrevistada H	As vezes sim. Por causa de ciúmes
Entrevistada I	Sim. Trabalhamos juntos mas não tenho muita autonomia para tomar decisões. Ele acha que devido ao segmento ele entende mais que eu.
Entrevistada J	Não se aplica
Entrevistada L	Sim. Principalmente devido ao ciúme

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para este questionamento as respostas foram bem diversas. As entrevistadas A, B, F e G disseram que o cônjuge não atrapalha. Pelo contrário, ajuda, incentivando ou dividindo as tarefas. No caso da entrevistada D, em alguns momentos ajuda e em outros faz cobranças devido as consequências que a atuação feminina causa na qualidade de vida da família. Já as entrevistadas H, I e L declararam que atrapalha por causa do ciúmes ou falta de incentivo.

Um estudo realizado por Silva, Mainardes e Lasso (2016) constatou por meio de pesquisas com diversas empreendedoras que o casamento colabora para o sucesso do negócio e que o cônjuge não dificulta as tomadas de decisões, mas se envolve no sentido de motivá-las. Uma boa parte dessas entrevistadas disseram que o esposo é o maior apoiador da mulher empreendedora. Porém, de acordo com os autores, o motivo que mais leva a mulher a

desistirda ação empreendedora é por não conseguir que seus empreendimentos cresçam ou por não terem condições de dedicar tempo suficiente a ele, devido a responsabilidade com os afazeres pessoais, como cuidar da casa, da família ou de si própria, o que demonstra a dificuldade de conciliação de papeis.

Confirmando essa colocação, uma pesquisa realizada pelo Sebrae (2020) reforça que dentre as barreiras ao empreendedorismo feminino encontra-se o desafio de conciliar a vida pessoal e profissional, uma vez que são mães, esposas e donas de casa. A partir daí, reafirma-se o papel do cônjuge como estimulador ou inibidor do empreendedorismo feminino, uma vez que ele também faz parte do contexto familiar conforme mostra o quadro 9.

Sobre o fator filho, as respostas estão descritas no Quadro 11

Quadro 11 - Filho é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?

Entrevistada A	Atrapalha no sentido de disponibilidade de tempo, em contrapartida é um motivador para insistir no negócio. É por eles que acordamos cedo e vamos à luta.
Entrevistada B	No meu caso não, por que já estão grandes, mas se fossem pequenos, sim, por que eles são prioridades.
Entrevistada C	Não se aplica
Entrevistada D	Não gosto da palavra atrapalha, digo que nos que nos tira um pouco o foco.
Entrevistada E	Dizer que os filhos não atrapalham seria uma bobagem visto que eles limitam nossas decisões em função de exigir presença materna.
Entrevistada F	Não. Eles incentivam
Entrevistada G	Sim. Quando não temos com quem deixar ficamos divididas entre o trabalho e cuidar deles
Entrevistada H	Não. No meu caso que eles já são grandes, estão sempre ajudando.
Entrevistada I	Às vezes sim. Por que temos que dividir a atenção entre eles e o trabalho.
Entrevistada J	Não se aplica
Entrevistada L	No meu caso não. Já estão grandes, mas se fossem pequenos e eu não tivesse ajuda, seria bem complicado

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em suma, de acordo com as entrevistadas A, D, E, G, e I os filhos enquanto crianças reivindicam atenção materna e isso precisa ser bem administrado pelas mães que conciliam a dupla jornada. As empreendedoras B e L dizem que possuem filhos maiores e não enfrentam esse problema atualmente, mas compreende em suas falas que caso os filhos fossem crianças, certamente seria um desafio.

As falas das empreendedoras reforçam o que o quadro 4 apresenta em relação a desigualdade de gênero, ou seja, embora haja evolução nesse sentido, a responsabilidade de cuidar do lar e dos filhos ainda recai sobre a mulher.

As respostas das empreendedoras atestam a reflexão de Machado (2013) que apresenta o desequilíbrio familiar como um grande empecilho ao empreendedorismo feminino,

seguindo do estresse que a mulher enfrenta ao se deparar com a necessidade de conciliar a dupla jornada. Nesse sentido compreende-se a importância do apoio da família nos cuidados com os filhos.

O Quadro 12 aborda o fator preconceito como um possível limitador da atuação da mulher no empreendedorismo

Quadro 12 - O preconceito é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?

Entrevistada A	Não. Nunca me atrapalhou, mas acredito que depende de cada mulher, pois é ela que determina se deixará se atingir por questões externas ou não.
Entrevistada B	Sim. Algumas pessoas não querem ser atendidas por mulheres, principalmente nesse ramo.
Entrevistada C	Não. O mundo está evoluído nesse sentido
Entrevistada D	Não. As mulheres são tão competentes quanto os homens
Entrevistada E	O preconceito existe sim entretanto a postura profissional acaba vencendo as barreiras.
Entrevistada F	Sim. Aham que a mulher não é capaz de cuidar do próprio negócio. Inclusive enfrentamos mais dificuldade para conseguir acesso ao crédito.
Entrevistada G	Sim. Muitas pessoas ainda acham que o lugar da mulher é em casa realizando os serviços domésticos.
Entrevistada H	Não. Como o meu público é praticamente só mulheres, então não sofro preconceito
Entrevistada I	Com certeza. As mulheres ainda são vistas como ser inferior aos homens
Entrevistada J	Não. Por que quando falam alguma coisa, eu ignoro, não deixo me atingir.
Entrevistada L	Sim. Ainda acham que a mulher nasceu para cuidar de casa

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Das 11 empreendedoras entrevistadas, destacam-se a B, E, F, G, I e L afirmando que o preconceito atrapalha a atuação empreendedora, uma vez que cria barreiras. Enquanto isso, as entrevistadas A, C, D, H e J responderam que não atrapalha, inclusive falam que existe um processo evolutivo nesse sentido, salientando também o empoderamento feminino. Relatos daquelas que acreditam que o preconceito atrapalha mostram que dependendo do segmento de atuação, os clientes exigem a presença masculina para realização do atendimento, julgando que a mulher não seja capaz de realiza-lo. Esses mesmos relatos seguem mostrando também que ela continua sendo vítima de alguns olhares preconceituosos que determinam que sua fronteira profissional se limita ao contexto do lar.

Pesquisas anteriores comprovam que principalmente quando as mulheres atuam em seguimentos tidos como masculinos, precisam ultrapassar a barreira do preconceito que limita o alcance da credibilidade fazendo com que elas demorem bem mais tempo para ganhar reconhecimento (BOTELHO et al., 2008).

Conforme Sebrae (2020), apesar dos avanços na luta contra o preconceito, percebe-se que as diferenças entre homens e mulheres em termos de oportunidades ainda estão arraigadas na cultura da população.

O quadro 13 questiona o medo do fracasso como um fator que possivelmente atrapalha a atuação empreendedora.

Quadro 13 - O medo do fracasso é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?

Entrevistada A	Não o medo de fracassar por incompetência. Mas o medo por causa da forma como as coisas estão acontecendo. O pequeno negócio sofre muita consequência por causa da crise. Corremos o risco de ter que fechar.
Entrevistada B	Sim. Por que a mulher tem que demonstrar que é boa no que faz para ter credibilidade
Entrevistada C	Penso que a insegurança está presente em diferentes atuações e pode atrapalhar.
Entrevistada D	As vezes sim. O medo tem duas vertentes, por um lado como instinto de proteção não só nos negócios, e isso é bom em determinadas situações para pensar melhor e tomar a melhor decisão. Agora tem o medo que trava, esse não é bom para o empreendedor. Porque empreender é arriscar todos os dias.
Entrevistada E	O medo do fracasso não. Talvez o medo de errar e não conseguir corrigir. O fracasso na verdade é quando a gente não luta para consertar as situações indesejadas no trabalho ou na vida familiar.
Entrevistada F	Não. Todos estão sujeitos ao fracasso, Mas precisamos continuar lutando
Entrevistada G	Não. Temos força e coragem
Entrevistada H	Sim. Por causa da crise na economia. Hoje vendo bem menos do que quando iniciei o negócio
Entrevistada I	Sim. A falta de dinheiro tem atingido todo mundo. Então temos medo de não conseguir manter o negócio. Tudo vai depender do fluxo de clientes
Entrevistada J	Sim. A gente sempre fica insegura sem saber do dia de amanhã
Entrevistada L	Não. Por que temos tanta competência ou mais que os homens

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

As entrevistadas B, C, D, H, I e J afirmaram que o medo do fracasso atrapalha a ação empreendedora, mas não em decorrência da incompetência feminina, mas dos diversos fatores externos que promovem um cenário de insegurança, levando a empreendedora a uma posição de incerteza em relação ao futuro. As empreendedoras A, E, F, G e L afirmaram que não, pois possuem força e coragem, embora todos estejam sujeitos ao fracasso.

Pesquisas anteriores mostram que a maioria das mulheres tendem a não ter medo de empreender, porém, quando ele existe, está sempre associado a questões financeiras e a própria sobrevivência do negócio, mas não paralisa as empreendedoras. A mesma pesquisa mostra a preocupação das empreendedoras com o crescimento da empresa e por terem receio de não conseguir continuar oferecendo ao cliente a mesma qualidade existente enquanto o negócio é pequeno (JONATHAN, 2005).

Foi questionado em seguida, quais as principais barreiras as empreendedoras continuam enfrentado após a abertura do negócio. A respostas para este questionamento se encontram no Quadro 14.

Quadro 14 - Depois de abrir o negócio, quais as principais barreiras que você continua enfrentando como empreendedora?

Entrevistada A	Disponibilidade de tempo e dinheiro. Tempo para organizar as coisas em casa e dinheiro para investir no negócio.
Entrevistada B	Dificuldade financeira
Entrevistada C	Resumindo: financeiro
Entrevistada D	A disputa interna entre as prioridades familiares e as do negócio. Além de ausência de tempo para cuidar de mim.
Entrevistada E	Falta de mão de obra qualificada
Entrevistada F	Dificuldade para conciliar a vida pessoal com o trabalho, por que a gente não desliga dos afazeres domésticos.
Entrevistada G	A queda nas vendas ultimamente
Entrevistada H	A dificuldade para alavancar as vendas devido a pandemia
Entrevistada I	Dificuldade de conseguir financiamento para investir
Entrevistada J	Hoje as clientes estão comprando menos e isso tem sido ruim para mim. As vendas ainda não reaqueceram
Entrevistada L	Dificuldade para conciliar o trabalho e lazer, por que nesse ramo trabalhamos muito nos finais de semana.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para este fator as entrevistadas A, B, C e I relacionaram as barreiras a questões financeiras. Enquanto as entrevistadas G, H e J disseram que a principal barreira é a queda nas vendas que refletem também em dificuldades financeiras. Já as entrevistadas D, F e L disseram que enfrentam a dificuldade de conseguir conciliar a vida pessoal com a profissional, reforçando o apresentado no quadro 4 que comprovam através dos relatos que a desigualdade de gênero ainda se faz presente e no quadro 9 que apresenta a importância do apoio da família para a empreendedora conseguir conciliar a dupla jornada.

Confirmando o que Lima, Lima e Tanure (2009) afirmam, as barreiras em sua grande maioria estão relacionadas a condição feminina de liderança, a sobrecarga ao ter que administrar a vida profissional e a pessoal, além das questões familiares relacionadas principalmente aos filhos.

Strobino e Teixeira (2014) comprovaram em um estudo realizado com empreendedoras do setor de comércio que as maiores barreiras enfrentadas por elas estão direcionadas ao aspecto trabalho-família. As empreendedoras destacaram que um conflito recorrente é em relação a indefinição do horário de trabalho, que acaba limitando o tempo dedicado a família, além da dificuldade em compartilhar as atividades domésticas com outros integrantes da casa.

De acordo com Fenelon (2020), as empreendedoras que compreendem qual é o seu papel na sociedade, mesmo diante das barreiras descritas, não deixam de empreender e ofertar produtos e serviços inovadores ao público alvo. Domingues e Marques (2020) reforçam que a maior barreira feminina em empreender é conciliar a dupla jornada de trabalho.

O Quadro 15 apresenta a discussão sobre a presença dos desafios na vida da empreendedora seguindo de um questionamento sobre o avanço do empreendedorismo no Brasil.

Quadro 15 - Você acredita que apesar dos desafios, o empreendedorismo feminino no Brasil tem avançado? Por quê?

Entrevistada A	Avançou e muito! Cada vez mais as mulheres estão acreditando no seu potencial e enfrentando os desafios para realizar os seus sonhos, e um deles é a independência financeira.
Entrevistada B	Sim. Tem avançado. Muitas mulheres a frente de negócio. Mas o governo precisa oferecer incentivo.
Entrevistada C	Sim, porque as mulheres estão conquistando mais espaço. Na Internet, por exemplo, os empreendimentos geridos por mulheres parecem chamar mais atenção.
Entrevistada D	Sim, muito. Pesquisas recentes apontaram que em 2019 já éramos mais de 24 milhões de empreendedoras. E durante a pandemia cresceu, pois as mulheres ou os maridos perderam seus empregos.
Entrevistada E	Acredito que as mulheres estão mais empoderadas. Fica a ideia do empreendedorismo participar do desejo de poder estar mais próximo dos seus filhos e também ao mesmo tempo trazer uma renda que possa ajudá-los a ter um futuro melhor.
Entrevistada F	Sim. As mulheres tem enxergado que tem tanto poder quanto os homens
Entrevistada G	Tem avançado. Tem mais mulheres abrindo o próprio negócio
Entrevistada H	Tem crescido. As mulheres estão tendo mais oportunidades
Entrevistada I	Sim. Mas ainda tem muito a melhorar. Principalmente em relação ao preconceito
Entrevistada J	Sim. Hoje tem mais mulheres a frente de empresas, inclusive muitas são responsáveis pelo sustento do da família
Entrevistada L	Tem avançado. Hoje vemos mais mulheres à frente de negócios

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para este questionamento obteve-se unanimidade na resposta sobre o avanço do empreendedorismo no Brasil. 100% das entrevistadas consideram que apesar dos desafios existentes, o empreendedorismo feminino tem crescido, as mulheres estão adquirindo mais espaços e mais respeito na sociedade. De acordo com os relatos isso tem acontecido devido ao fato delas começarem a perceber o potencial que possuem enquanto mulher e empreendedora, porém, deixam a entender que ainda faltam algumas ações para o que a mulher de fato ocupe um lugar que é seu.

Esse resultado é confirmado por Bertolin (2010), que afirma que profissões que até então eram ocupadas apenas por homens, passaram a ser desenvolvidas também por mulheres

comprovando que também podem contribuir e realizar mudanças tanto na família quanto na sociedade.

As respostas confirmam também o estudo realizado por GEM 2020, que aponta esse avanço no empreendedorismo, através da pesquisa realizada em 2019, constatando que para os empreendedores estabelecidos, aqueles que pagaram remunerações por mais de três anos e meio, a diferença entre homens e mulheres a frente de empresas é de 4,5%. Já para os empreendedores iniciais, aqueles que pagaram remuneração por no máximo 3 anos e meio essa diferença cai para 0,4%. Comprovando uma igualdade entre homens e mulheres abrindo novos negócios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral identificar e analisar os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas.

A partir da pesquisa realizada, foi possível verificar que embora haja um avanço no número de mulheres empreendedoras no mercado, o cenário mostra que muitas delas continuam enfrentando dificuldades para empreender. Isso confirma os estudos de Lages (2005), atestando que a frieza em relação ao gênero é uma característica cultural que insere a mulher em posição secundária no mercado de trabalho e primária no contexto doméstico.

Os relatos apresentados pelas integrantes do programa Juntas confirmam isso. Elas dizem ter conquistado mais espaço no mercado de trabalho. Porém ainda existem resquícios deixados pelo poder patriarcal que continuam reprimindo as suas vidas enquanto empreendedoras. As mesmas seguem dizendo que sofrem os impactos causados pela desigualdade de gênero, principalmente no que tange a renda, busca por oportunidades e pelo o próprio desenvolvimento profissional. Inclusive, a entrevista comprova que em determinados segmentos, os clientes exigem a presença masculina para a realização do atendimento, julgando ser o homem detentor de maior conhecimento e capacidade de negociação.

Outro desafio claramente percebido é em relação aos filhos, que enquanto crianças exigem muita atenção materna, e isso na maioria das vezes faz com que as mães adiem seus planos profissionais. Situação que provoca conflitos internos entre o “ir e o ficar”, uma vez que o desejo de cada uma é garantir a eles um futuro promissor através de seu trabalho.

Em suma, compreende-se que os desafios mencionados representam barreiras que dificultam o atingimento dos objetivos pessoais e profissionais das empreendedoras integrantes do programa.

O estudo do caso demonstrou que o sonho com a independência financeira e autonomia tem motivado essas mulheres na trajetória empreendedora, pois, desejam através do próprio trabalho continuar conquistando espaço no mercado, além do acesso a uma renda própria que as proporcionam inclusive condições de contribuir com as despesas do lar.

O presente estudo contribuiu para aquisição do conhecimento científico ao promover discussões sobre as mulheres empreendedoras e os diversos desafios enfrentados por elas no contexto do programa Juntas.

Dentre as limitações para este trabalho, destaca-se o fato de ser um estudo de caso. Os seus resultados partem de análise subjetiva das respostas obtidas nas entrevistas realizadas

com as integrantes do programa Juntas, não podendo, portanto, generalizá-los para toda população feminina que desenvolve ações empreendedoras.

Como sugestões para estudos futuros, propõe-se que discussões sobre a temática sejam aprofundadas no sentido de entender a evolução do empreendedorismo feminino ao longo dos anos, bem como a realidade dos desafios enfrentados por elas em um novo cenário.

Também se sugere a realização de uma pesquisa quantitativa para se conhecer estatisticamente quais são os principais conflitos enfrentados no contexto do empreendedorismo feminino, seguindo-se de uma pesquisa qualitativa para se evidenciar ações desenvolvidas por elas para lidar com tais conflitos.

A continuidade deste estudo, bem como a realização de outros referentes ao tema se faz necessário para ampliar e consolidar as discussões sobre empreendedorismo feminino, potencializando a entrada e permanência dessas mulheres no mercado e quebrando paradigmas que estabelecem barreiras limitadoras na ação de empreender.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADISA, T. A.; ABDULRAHEEM, I.; ISIAKA, S. B. Patriarchal hegemony: investigating the impact of patriarchy on women's work-life balance. **Gender in Management**, v.34, n.1, p.19-33, 2019.
- AGARWAL, S.; LENKA, U. Study on work-life balance of women entrepreneurs – review and research agenda. **Industrial and Commercial Training**, v. 47, n. 7, p. 356-362, 2015.
- ALSOS, G. A.; LJUNGGREN, E.; CARTER, S.; JØRSTAD, M. O. Women, Family and Entrepreneurship: Strategies for Managing Work-life Balance Challenges. **Academy of Management Annual Meeting Proceedings**, v. 1, p. 160-179, 2016.
- ANNOR, F.; AMPONSAH-TAWIAH, K. Evaluation of the psychometric properties of two scales of work-family conflict among Ghanaian employees. **The Social Science Journal**, v. 54, n. 3, p. 336–345, 2017. doi:10.1016/j.soscij.2017.04.006.
- BABIN DHAS, D.; VETRIVEL, S. C. Substantiate the intervention effect of work-life balance in SME's with special reference in Chennai. **Test Engineering and Management**, v. 83, n. 30, p. 17769-17781, 2020.
- BAGGIO, A. F; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia Passo Fundo**, v.1, n. 1, p. 25-38, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2011.
- BARNETT, R. C. Preface: Women and work: Where are we, where did we come from, and where are we going? **Journal of Social Issues**, v. 60, n. 4, p. 667-674, 2004.
- BARRETO, L. D. S. G. D. M. et al. Perfil do empreendedor feminino: Um estudo de caso no município de Nossa Senhora da Glória e Itabaiana - SE. **1º CONGENTI – Congresso de Gestão, Negócio e Tecnologia da Informação**, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/congenti/article/view/7882> Acesso em: 01 jul. 2021.
- BERTOLIN, P. T. M; ANDREUCCI, A. C. P. T. (Org.). **Mulher, Sociedade e Direitos Humanos**. São Paulo: Rideel, 2010.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Orientada por Maria Teresa Estrela e Albano Estrela. Porto: Porto Editora, 2010.
- BOTELHO, L. de L. R. et al. **Desafios gerenciais das mulheres empreendedoras: como exercer a liderança em espaços de identidade masculina? O caso da Alpha Tecnologia**. 2008.
- BRANDÃO, A. M.; MARQUES, A. P.; LAMELA, R. Gênero, Empreendedorismo e Autonomização Profissional. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v. 13, n. 35, p. 2963-2991, Mai./Ago. 2019. ISSN 1980-5756. Disponível em:

<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/2529/1416> Acesso em: 23 nov. 2019.

BRUSH, C. G.; GREENE, P. G. **Empreendedorismo Feminino**. Wiley Encyclopedia of Management, 2015, p. 1-5.

CARREIRA, S. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **Navus-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 06-13, 2015.

CADONÁA, F. et al. Empreendedorismo feminino: perfil, razões e desafios enfrentados por mulheres empreendedoras. In: **CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FSG**, n VII, 2019, Serra Gaúcha. **Anais**, VII, Caxias do Sul-RS, p.1318- 1339, 2019.

CANDATEN, D.; ZANATTA, J. M.; TREVISAN, J. K. D. V. Mulheres Empreendedoras: Os desafios para equilibrar a vida pessoal e profissional. In: **IX EGEPE Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Passo Fundo/RS, Mar. 2016. Disponível em: <https://anegepe.org.br/anais-do-egepe/>. Acesso em: 21out 2021

CARRIJO, M. C.; FERREIRA, S. R. R. Empreendedorismo Feminino no Brasil: uma análise a partir de dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 6, n. 6, p. 200-225, 2017.

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. **Família e proteção social**. São Paulo em Perspectiva, 2003.

CASACA, S. A igualdade entre mulheres e homens e a tomada de decisão na esfera econômica: o longo percurso dos instrumentos normativos. **Revista do CEJ**, p. 173-199, 2014.

CESTARI, C. **Empreendedorismo feminino: do surgimento à ascensão**. 2018. Disponível em: <https://aempreendedora.com.br/empreendedorismo-feminino-do-surgimento-a-ascensao/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 4. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2012.

CLARK, S. C. Work/familybordertheory: A new theoryofwork/family balance. **HumanRelations**, v. 53, p. 747–770, 2000.

COSTA, A. N. A. **Empreendedorismo feminino: uma análise do perfil empreendedor das mulheres proprietárias de pequenas empresas na cidade de Gravatá/PE**. 2017. Dissertação (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco. CaruaruPernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38629>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CRAMER, L; CAPPELLE, M. C. A; ANDRADE, Á. L. S; BRITO, M. J. de. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 1, 2012.

CRUZ, C. F. **Os motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida nas organizações. Um estudo de caso: Pramp's Lanchonete**. 2005. 125 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

DANDOLINI, A. de O. V. **Empreendedorismo feminino, gênero e liberdade: histórias de mulheres empreendedoras na cidade de Foz do Iguaçu/PR**. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa**. 30ª ed. São Paulo: Cultura, 2006.

DOMINGUES, R. A.; MARQUES, D. Empreendedorismo feminino: uma análise das empreendedoras de Juiz de Fora-MG. **Gestão-Revista Científica**, v. 2, n. 2, 2020.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FARIA, J. P. A participação feminina na transformação da história patriarcal: dimensões poder e desenvolvimento como liberdade. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 5, n. 10, p. 2-20, 2017.

FENELON, B. C. **Mulheres empreendedoras no mercado de trabalho: dificuldades e motivações**. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC). Goiás, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1235>. Acesso em: 02 nov. 2021.

FERREIRA, G. F.; BASTOS, S. A. P.; D'ANGELO, M. J. A look at women's transition from formal labor to self-employment based on endogenous stimuli. **RAM**, v. 19, n. 2, doi:<https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg180086>.

FERREIRA, M. **Brasil está no topo do ranking mundial de empreendedorismo**. Disponível em: https://files.comunidades.net/conhecimentoeiencia/Artigo_3_MICROEMPREENDEDORISMO_EMPREENDEDOR_OU_AUTOEMPREGO. Acesso em: 01 jul. 2021.

FILLION, L. J. Visão e relações: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista de administração de empresas light**. v. 7, n. 3, jul/set. 2000.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FRANCO, M. M. S. Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas. **VIII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Goiânia, Anais, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://www.egepe.org.br/anais/tema07/333.pdf>. Acesso em 01 jul. 2021.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil: 2019 /** Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. F. et al. Trajetórias e estratégias de mulheres: um estudo conquistense. **REGE Revista de Gestão**, v. 16, n. 1, p. 67-87, 2009.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Alínea, 2005.

GUPTA, N; MIRCHANDANI, A. Investigating entrepreneurial success factors of women-owned SMEs in UAE. **Management Decision**, v. 56, n. 1, p. 219-232, 2018.

HEMAMALINI, R. An integrative model to explore the relationship of work-family interface with organisational commitment. **International Journal of Human Resources Development and Management**, v. 20, n. 2, p. 166, 2020. doi:10.1504/ijhrdm.2020.106288.

JACOB, E. Qualitative research traditions: A review. **Review of Educational Research**, v. 57, p. 1-50, 1987.

JONATHAN, E. G. Mulheres Empreendedoras: Medos, Conquistas e Qualidade de Vida. Paraná. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 373-382, set./dez. 2005.

JORDAN, D. Contemporary Methodological Approaches to Qualitative Research: A Review of The Oxford Handbook of Qualitative Methods. **The Qualitative Report**, v. 23, n. 3, p. 547-556, 2018.

JULIEN, P. A.; MARCHESNAY, M.; MACHADO, H. V. Interdisciplinaridade da pesquisa em empreendedorismo e em PME: por uma teoria empreendedora que contemple diferenças culturais. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 355- 368. Acesso em: 01 jul. 2021.

KANAN, L. A. Poder e Liderança de Mulheres nas Organizações de Trabalho. **Revista Organizações & Sociedade**, Bahia, v. 17, n. 53, p. 243-257, abr./jun. 2010.

LAGES, S. R. Desafios do empreendedorismo feminino uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. **Revista Estação Científica**, v. 1, n. 7, 2005.

LIMA, S. G.; LIMA, S. M.; TANURE B. Os desafios da Carreira da Mulher Executiva no Brasil. In: **ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO**, 2., 2009, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: ANPAD, 2009. p. 1-15.

LINDO, M. R.; CARDOSO, P. M.; RODRIGUES, M. E.; WETZEL, U. Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **RAC-Eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007.

LOPES, R. M. A.; LIMA, E. Desafios atuais e caminhos promissores para a pesquisa em empreendedorismo. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 4, p. 284-292, 2019. doi:http://dx.doi.org/10.1590/ S0034-759020190406.

MACHADO, H. P. V.; GUEDES, A.;GAZOLA, S. Determinantes e Dificuldades de Crescimento para Mulheres Empreendedoras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, p. 85-99, 2017. DOI: 10.12712/rpca.v11i1.828.

MACHADO, H. P. V. Mulheres empreendedoras: relato de experiências, trajetórias e desafios. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 127-135, 2013.

MADALOZZO, R. Occupational segregation and the gender wage gap in Brazil: an empirical analysis. **Economia aplicada**, v.14, n.2, p. 147-168, 2010.

MAGESTE, G. de S.; MELO, M. C. de O. L.; CKAGNAZAROFF, I. B. Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DE ANPAD**, 5., 2008, Belo Horizonte. Anais [...] Belo Horizonte: ANPAD, 2008.

MELO, F. L.N. B.; SILVA, R.R;ALMEIDA, T.N.V. Gênero e empreendedorismo: um estudo comparativo entre as abordagens causation e effectuation. **Brazilian Business Review**, v. 16,n. 3, p. 273-296, 2019.

MIZRAHI, B. G. **A relação pais e filhos hoje**: A parentalidade e as transformações no mundo do trabalho. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NAMBISAN, S.; BARON, R. A. On the cost of digital entrepreneurship: Role conflict, stress, and venture performance in digital platform-based ecosystems. **Journal of Business Research**, 2019. doi:10.1016/j.jbusres.2019.06.037.

NASSIF, V. M. J.; ANDREASSI, T.; TONELLI, M. J. Critical incidents among women entrepreneurs: Personal and professional issues. **Revista de Administração**, v. 51, n. 2, p. 212-224, 2016. DOI:10.5700/rausp1235.

ORHAN, M; SCOTT, D. Why women enter into entrepreneurship: an explanatory model. **Women in management review**, v. 16, n. 5, p. 232-247, 2001.

PERES, C. D. S.; SPAREMBERGER, A. **Inteligência de Mercado**: O Estudo da Competitividade no Empreendedorismo Feminino. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Rosa/RS, 2018.

PETRONE, T. Prefácio à Edição brasileira. In: ARRUIZZA, C; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução: Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

PINEL, H.da S.; LONGO, L. B. F. **Empreendedorismo feminino: perfil das mulheres empreendedoras de Manhuaçu-MG**. Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, p.1-18, 2018. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/repositoriottcc/article/view/551/469>. Acesso em: 02 Nov. 2021.

POLIT, F. D.; HUNGLER, P. B. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

PRASHAR, S; VIJAY, T. S; PARSAD, C. Empreendedorismo Feminino na Índia: uma revisão de barreiras e fatores motivacionais. **Revista Internacional de Gestão de Empreendedorismo e Inovação**, v. 22, n. 3, p. 206-219, 2018.

RADOVIĆ-MARKOVIĆ, M.et al. E-learning as a tool for empowering entrepreneurship.**JWEE**, n. 3-4, p. 65-72, 2017.

RAMOS, L.; MALDONADO, E.; HERNÁNDEZ, E. Comparison of women entrepreneurs profiles in Coahuila, Mexico and San Juan, Puerto Rico. **Global Conference on Business and Finance Proceedings**, v.9, n. 2, p. 190-200, 2014.

REDE MULHER EMPREENDEDORA (RME). Pesquisa da Rede Mulher Empreendedora avança com dados que comparam negócios de mulheres e homens. 2019. Disponível em: <https://rme.net.br/2019/09/23/pesquisa-da-redemulher-empreendedora-avanca-com-dados-que-comparam-negocios-demulheres-e-homens/>. Acesso em: 25 mai. 2020.

SALVAGNI, J.; CANABARRO, J. Mulheres Líderes: As desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho.**Revista de Gestão e Secretariado - GeSeC**, v. 6, n. 2, p. 88–110, 2015.

SANTOS, J. M.; SILVA, M. D. S.; FRADE, C. M.; DE SOUSA, F. R. L. Mídias digitais como canal de comunicação em empresas do ramo de vestuário e moda da cidade de Santa Luzia/PB. **Conhecimento Interativo**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 330-345, 2019.

SEBRAE, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Como agir de maneira empreendedora**. Brasília: 2018.

SEBRAE. Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa. **Qual a importância e os desafios do empreendedorismo feminino**. Disponível em: <https://blog.sebraealagoas.com.br/empreendedorismo/importancia-do-empreendedorismo-feminino/>. Acesso em: 02 jul. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCHLICKMANN, E.; PIZARRO, D. A evolução da mulher no trabalho: uma abordagem sob a ótica da liderança. **Revista Borges**, v.3, n.1, 2013.

SCHUMPETER, A. J. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHRAMM, W. **NoteanCase studies of instructional media projects**. Working paper, the Academy for Educational Development, Washington, DC. 1971.

SILVA, M. S. da; MAINARDES, E. W.;LASSO, S. V. Características do Empreendedorismo Feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

SILVEIRA, A.; DE GOUVÊA, A. B. C. T. Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 7, n. 3, 2008.

SOLESVIK, M.; IAKOVLEVA, T.; TRIFILOVA, A. Motivation of female entrepreneurs: a cross-national study. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, 2019.

SOUSA, A. M. R. et al. Empreendedorismo Feminino: análise dos desafios no gerenciamento de pequenos negócios. In: IX EGEPE Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. **Anais eletrônicos**, Passo Fundo/RS, Mar. 2016. Disponível em: <http://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/429.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.

STROBINO, M. R. De C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração** (São Paulo), v. 49, n. 1, p.59-76, 2014. <https://doi.org/10.5700/rausp1131>.

TEOH, W. M-Y.; CHONG, C. W.; CHONG, S. C.; ISMAIL, H. Managing work-family conflict among entrepreneurs: An Empirical Study. **International Journal of Business and Management**, v. 11, n. 9, 2016. doi: 10.5539/ijbm.v11n9p179.

THOMÉ, C. F. **O princípio da igualdade de gênero e a participação das mulheres nas organizações sindicais de trabalhadores**. 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2012.

TONANI, A. V. Gestão feminina: Um diferencial de liderança. Mito ou realidade? **Anais do VII Congresso Nacional de Excelência em Gestão (CNEG)**. Rio de Janeiro/Niterói, 2011.

THONELLI, M. J.; ANDREASSI, T. Perspectivas para os empreendimentos femininos. **GV executivo**, v. 17, n. 3, p. 26-29, 2018. Disponível em: https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/gv_v17n3_ce4.pdf. Access: August 18, 2021

VAN DER LIPPE, T.; LIPPÉNYI, Z. **Beyond Formal Access: Organizational Context, Working From Home, and Work-Family Conflict of Men and Women in European Workplaces**. Social Indicators Research. 2018. doi:10.1007/s11205-018-1993-1

VARIKAS, E. Pátria: uma metáfora da exclusão das mulheres. In: BRESCIANI, M. S. M. (Org.). **Revista Brasileira de História** - A mulher no espaço público. São Paulo, 1989.

VERSIANI, F. et al. Características de liderança das mulheres empreendedoras: um estudo de caso no setor de serviços. **Revista de Administração Unimep**, v. 17, n. 1, 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZAHA, S. A.; WRITH, M. **Entrepreneurship's Next Act**. Academy of Management Perspectives, USA, 2011.

ZHU, W.; ZHOU, J.; LAU, W. K.; WELCH, S. How harmonious family encourages individualsto enter entrepreneurship: A

viewfromconservationofresourcetheory. **InternationalJournalofConflict Management**,v. 31, n. 3, p. 333-351, 2020.doi: 10.1108/IJCM-09-2019-017d.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Protocolo para estudo de caso

Segundo Yin (2010), O protocolo para o estudo de caso é composto por procedimentos e regras gerais a serem seguidas. Ele é relevante em qualquer circunstância e constituído pelas seguintes seções: visão geral do projeto do estudo de caso; procedimentos de campo; questões do estudo de caso; guia para relatório do estudo de caso.

Este protocolo contém os procedimentos, os instrumentos e as regras gerais que devem ser seguidas na aplicação e no uso dos instrumentos e se constitui numa tática para aumentar a fidedignidade da pesquisa (YIN, 2010).

- **Visão geral do projeto do estudo de caso**

Carrijo e Ferreira (2017) afirmam que apesar do empreendedorismo feminino estar em fase crescente no Brasil, a mulher empreendedora ainda enfrenta desafios que dificultam a solidificação de seus direitos, bem como a harmonização entre as exigências domésticas e profissionais.

A partir dessa contextualização, tem-se como objetivo geral para este trabalho: analisar os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras participantes do programa Juntas para administrar a dupla jornada em busca da autonomia.

A abordagem realizada em torno do programa Juntas expõe a realidade da mulher empreendedora, por meio dos depoimentos exibidos pelas 15 participantes. Além disso, a fundamentação teórica apresentada pelos autores citados neste trabalho respalda a temática, não só contribuindo para estudos futuros, mas promovendo o conhecimento que, se aplicado corretamente, contribuirá para a solução do problema apresentado.

- **Os procedimentos de campo**

A presente pesquisa é de natureza descritiva qualitativa, com uso do método de estudo de caso único, por considerar apenas um caso para investigação.

Primeiramente, será realizado o agendamento prévio com as entrevistadas e a entrevista acontecerá por meio das mídias digitais, via *Google Meet* ou *Whatsapp*, com previsão de 2:00h de duração, aproximadamente, para cada entrevista. É nesse momento que as entrevistadas apresentarão espontaneamente as suas opiniões que serão gravadas e

posteriormente transcritas, respeitando o ponto de vista e versão de cada uma delas sobre o tema e eliminando qualquer tipo de pré-julgamento ou avaliação.

• **As questões do estudo de caso que o investigador deve ter em mente, os locais, as fontes de informação, os formulários para o registro dos dados e as potenciais fontes de informação para cada questão**

O questionário que norteará a entrevista será composto por 12 perguntas abertas do tipo “como e porque”, através do qual se compreenderá quais são os principais desafios enfrentados pelas integrantes do programa Juntas para administrar a dupla jornada em busca da autonomia.

As empreendedoras entrevistadas são integrantes do programa Juntas e moradoras de diversos municípios goianos, onde também desempenham suas atividades.

O quadro 3 apresenta o nome, local de residência e área de atuação de cada integrante do programa.

Quadro 16 - Participantes do programa Juntas

Nome	Município	Ramo de Atividade
Laylla	Rio Verde	Confecção
Rosimeire Alves	Goiânia	Roupas femininas
Grabriela Ribeiro	Goiânia	Cosmético
Juliana Gomes	Rio Verde	Lava Jato
Marilene Ribeiro	Goiânia	Cosmético
Rosângela Maria	Goiânia	Moda feminina
Cátia Mônica	Iporá	Locadora de Veículos
Liliane Cardoso	Iporá	Empório
Darlene Aparecida	Iporá	Roupas femininas
Eloisa Dias	Rio Verde	Consultoria e Treinamento
Cláudia Geremias	Rio Verde	Aviação Agrícola
Sinara Souza	Santo Antônio da Barra	Armarinho
Mila Guimarães	Rio Verde	Cosmético
Talia Passos	Goiânia	Confeitaria
RosielainePelegrine	Iporá	Mini Mercado

Fonte: Elaborado pela autora.

- **Um guia para o relatório do Estudo do Caso**

Para a elaboração do relatório, cada entrevista será analisada de forma individualizada, com a finalidade de compreender de maneira clara os principais desafios enfrentados por cada uma das entrevistadas. Posteriormente, será realizada uma análise comparativa entre as 15 entrevistas e, na sequência, a construção do relatório descrevendo os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas para administrar a dupla jornada em busca da autonomia.

As entrevistas realizadas também serão comparadas ao referencial teórico apresentado para confirmar se existe relação entre as teorias apresentadas pelos autores citados no trabalho e a realidade expressada pelas empreendedoras entrevistadas.

APÊNDICE 2

Roteiro para entrevista	
Data da entrevista:	
Nome:	Idade:
Estado Civil:	
Possui Filhos? Sim () não ()	Quantidade:
Escolaridade:	Área de Atuação:
1- A história mostra que o nosso passado foi marcado pela presença forte do patriarcado, evidenciando claramente a desigualdade de gênero. Você acredita que com o passar dos anos essa realidade mudou? Por quê?	
2- Há quanto tempo você empreende?	
3- Qual o principal fator motivador para que você abrisse um negócio próprio?	
4- Você tinha outra profissão antes de montar o negócio?	
5- Como você identificou esta oportunidade de negócio?	
6- Você considera o apoio da família importante para a mulher que está abrindo um negócio próprio? Por quê?	
7- O cônjuge é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	
8- Filho é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?	
9- O preconceito é um fator que atrapalha a sua atuação empreendedora? Por quê?	
10- O medo do fracasso é um fator que atrapalha a sua atuação empreendedora? Por quê?	
11- Depois de abrir o negócio, quais as principais barreiras que você continua enfrentando como empreendedora?	
12- 12-Você acredita que apesar dos desafios, o empreendedorismo feminino no Brasil tem avançado? Por quê?	

MATRIZ DE AMARRAÇÃO

Nº do Objetivo	Tipo do Objetivo	Objetivo
01	Geral	Identificar e analisar os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras integrantes do programa Juntas.
02	Específico	Discutir a desigualdade de gênero e seus impactos na vida da mulher empreendedora.
03	Específico	Identificar os motivadores do empreendedorismo no Brasil.
04	Específico	Identificar as principais barreiras ao empreendedorismo feminino.

CONTEXTO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO		
Questão	Objetivo	Referencial Teórico
1-A história mostra que o nosso passado foi marcado pela presença forte do patriarcado, evidenciando claramente a desigualdade de gênero. Você acredita que com o passar dos anos essa realidade mudou? Por quê?	2	Dandoline (2018) Varikas (1989) Petrone (2018)
CONTEXTO DOS MOTIVADORES DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL		
Questão	Objetivo	Referencial Teórico
2- Há quanto tempo você empreende? 3- Qual o principal fator motivador para que você abraça um negócio próprio? 4- Você tinha outra profissão antes de montar o negócio?	3	Schumpeter (1982) GEM (2020)

<p>5- Como você identificou esta oportunidade de negócio?</p> <p>6- Você considera o apoio da família importante para a mulher que está abrindo um negócio próprio? Por quê?</p>		
<p align="center">CONTEXTO DAS PRINCIPAIS BARREIRAS AO EMPREENDEDORISMO FEMININO</p>		
Questão	Objetivo	Referencial Teórico
<p>7- O cônjuge é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?</p> <p>8- Filho é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?</p> <p>9- O preconceito é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?</p> <p>10- O medo do fracasso é um fator que atrapalha a sua atuação como empreendedora? Por quê?</p> <p>11- Depois de abrir o negócio, quais as principais barreiras que você continua enfrentando como empreendedora?</p> <p>12- Você acredita que apesar dos desafios, o empreendedorismo feminino no Brasil tem avançado? Por quê?</p>	1 e 5	<p>Maldalozzo (2010)</p> <p>Machado et al (2017)</p> <p>Nassif, Andreassi e Tonelli (2016)</p> <p>Di Maio et al. (2012)</p>